

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Faculdade de Ciências Sociais  
Ciências Sociais

## **Voluntariado e a promoção de direitos no planeta**

**Projeto temático:** *Ecopolítica: governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle.*

Jéssica Idalina Ribeiro da Silva  
Orientadora: Profa. Dra. Salete Oliveira

PIBIC-CEPE  
Agosto, 2013  
SÃO PAULO

## RESUMO

O presente relatório apresenta o resultado da pesquisa sobre *O voluntariado e a promoção dos direitos do planeta*, no âmbito do projeto FAPESP, *Ecopolítica – novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*. Buscou-se destacar o que se entendia por voluntariado em diferentes momentos no Brasil, para compreender como ele se institui na atualidade. Assim, destacaram-se as modalidades complementares em que ele se desdobra para situar os argumentos utilizados para a sua institucionalização mundial por meio, principalmente, das diretrizes da Organização das Nações Unidas (ONU), através do Programa das Nações Unidas para o Voluntariado (UNV). Dessa maneira, a realização do levantamento de notícias, nos sites do PNUD, UNV, Instituto C&A e do Centro Brasileiro de Voluntariado Empresarial (CBVE), procurou mostrar as modalidades do voluntariado exercidas enquanto práticas na proliferação de direitos e sua articulação com a governamentalidade de práticas para a inclusão, que inseridas na sociedade de controle, resulta na valorização do trabalho coletivo voltado, principalmente, a minorias e grupos considerados vulneráveis e em uma gestão compartilhada do próprio voluntariado do governo dos direitos de minorias exercido por elas próprias. Isto gera negócios, entendidos também como estilo de vida, certificações responsáveis de empresas e ONGs, Estados e organizações internacionais, e ascensão de gestores e empreendedores de seus próprios direitos.

*Palavras chave: voluntariado, direitos, vulneráveis, institucionalização, capital social.*

## Sumário

<b>I. RELATÓRIO DE ATIVIDADES .....</b>	<b>1</b>
<b>II. RELATÓRIO CIÊNTÍFICO .....</b>	<b>2</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>2</b>
<b>Documentações: diretrizes do voluntariado.....</b>	<b>4</b>
<i>Manual de Medição do trabalho Voluntário .....</i>	<i>5</i>
<i>O Voluntariado e o ativismo social – Caminhos para a participação no desenvolvimento humano. ....</i>	<i>12</i>
<b>Modalidades do voluntariado .....</b>	<b>20</b>
<b>Notícias .....</b>	<b>25</b>
<i>Notícias selecionadas do site do Programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV) (2000-2013) .....</i>	<i>26</i>
<i>Notícias selecionadas do site do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) Brasil.....</i>	<i>29</i>
<i>Notícias selecionadas a partir dos sites do Instituto C&amp;A e do CBVE.....</i>	<i>30</i>
<b>Itinérários do voluntariado no Brasil .....</b>	<b>36</b>
<b>O voluntariado e a proliferação de direitos: estilos de vida e negócios .....</b>	<b>40</b>
<b>III. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>42</b>

## I. RELATÓRIO DE ATIVIDADES

A pesquisa foi desenvolvida sob orientação obtida por meio de encontros individuais com a orientadora e também com o coordenador do projeto temático e demais estudantes de iniciação científica, já que dentro do projeto FAPESP, *Ecopolítica, governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*, há várias pesquisas que envolvem o tema geral e que, de certa forma, complementam-se. O projeto conta com um espaço, onde sempre encontramos orientação, livros e espaço para realizar a pesquisa. Assim, era possível encontrar a orientadora e apoio em vários momentos da semana.

Houve um pouco de dificuldade em relação à bibliografia histórica em relação ao voluntariado, pois, a maioria do material encontrado foi produzida em consonância com as movimentações de comemoração dos 10 anos do *Ano Internacional do Voluntariado*, por ser um marco importante para a questão. Nesse sentido, a questão da atualização se deu mais em relação no âmbito documental do que no da bibliográfica.

O levantamento de notícias, que se deu nos quatro primeiros meses da segunda fase da pesquisa, foi realizado a partir do acompanhamento das notícias novas e da pesquisa de notícias antigas dos sites principais selecionados anteriormente, conforme relatório parcial (ONU, PNUD, UNV, Instituto C&A e CBVE). Aqui volto a ressaltar a dificuldade em utilizar alguns sites indispensáveis para a pesquisa, principalmente em relação ao levantamento eletrônico de notícias, pois algumas vezes, depois de algum tempo elas eram tiradas do ar. Para evitar esse problema, comecei captar imagens das notícias.

Assisti a aula teatro *Limiares da liberdade*, organizado pelo *Núcleo de Sociabilidade Libertaria*. As aulas-teatro são uma prática de ação direta do *Nu-sol*, nas quais diferentes existências são problematizadas, onde são situadas vivências de resistência em diferentes momentos da história. foi uma das atividades em que participei, na qual foi possível acrescentar ao andamento da minha pesquisa os questionamentos sobre as práticas de controle possibilitadas pela institucionalização mundial do voluntariado.

Acompanhei o debate *Maioridade penal em questão*, promovido pelo *Centro Acadêmico de Ciências Sociais* e pelo *Centro Acadêmico 22 de agosto* da PUCSP, na qual foram apontados estudos sobre o encarceramento no Brasil, sobre as legislações em maneiras de como esse encarceramento se dá na questão de jovens e crianças. As reflexões trazidas contribuíram para mostrar como se dá o investimento seletivo na parcela da população que é

alvo do sistema penal, e que, de maneira específica, reforçam a institucionalização mundial do voluntariado em nome do *desenvolvimento sustentável*.

Estive presente ao lançamento do documentário *Ecopolítica-Direitos*, produzido no interior do Projeto Temático *Ecopolítica, governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*, que contribui nas problematizações da pesquisa em relação aos atuais contextos no país e em âmbito internacional em relação à proliferação de direitos e resistências problematizadas pelo projeto.

Em relação específica ao voluntariado, acompanhei uma ação do projeto *Um teto para meu país* realizada na aldeia indígena Tekoa-pyau situada no Jaraguá em São Paulo, na qual foi executada a pintura das casas construídas. Tal atividade reiterou o investimento valorização do trabalho coletivo, transformado em capital social, voltado para as minorias e grupos considerados vulneráveis em simultaneidade ao governo dos direitos de minorias exercido por elas próprias.

Ressalto que o trabalho original não sofreu nenhuma alteração.

## II. RELATÓRIO CIÊNTÍFICO

### Introdução

A noção de *ecopolítica*, colocada e elaborada por Passetti<sup>1</sup> e explorada no projeto projeto temático sob sua coordenação, *Ecopolítica, governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*, emerge na *sociedade do controle*, essa, anunciada por Foucault<sup>2</sup> e situada por Deleuze<sup>3</sup>. Ultrapassando a *sociedade disciplinar* analisada por Foucault, que no âmbito da *biopolítica* se interessava pelo controle e a normalização dos corpos, interessa agora o controle do corpo-planeta, tendo a lógica da captura pela inclusão, “agora, qualquer um e qualquer coisa pode estar incluído em função da

---

<sup>1</sup> PASSETI, Edson. (2012) *Ecopolítica: governo do planeta para um futuro melhor*. São Paulo: Projeto Temático Ecopolítica – Relatório 2011. Disponível em <http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/ecopolitica.pdf> e PASETTI, Edson . “Poder e anarquia. Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado”, In Revista Verve, São Paulo: Nu-Sol, v. 12, 2007.

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2000 e FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica*. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

<sup>3</sup> DELEUZE, Gilles. *Post-Scriptum: sobre as sociedades de controle*. In: Conversações. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

ampliação e fortalecimento da segurança dos cidadãos, dos trabalhadores, dos empresários e dos programas” (PASSETTI. 2007, p.12), além da segurança tem por base também a confiança e a tolerância, convocando “à participação de cada um nos múltiplos fluxos” (PASSETTI. 2007, p.12)

A *governamentalidade* tal qual Foucault concebe, consiste no conjunto de *dispositivos de poder* que gerem três fundamentos básicos: o governo, a economia política e a população. Tais dispositivos de poder são construídos, tal como nos mostra em *Do governo dos vivos*, onde apresenta a noção de governo pela verdade, um deslocamento da noção de *saber-poder*, ao situar que há uma relação entre o exercício do poder e a manifestação da verdade.

Nesse sentido, essa pesquisa procurou-se sinalizar, através da análise das documentações, normativas, resoluções e etc., os rumos que têm tomado as práticas de voluntariado que, respondendo à governamentalidade neoliberal, podem ser evidenciadas enquanto dispositivo de poder para o controle e governamentalidades da e para a inclusão.

Dessa maneira, buscou-se evidenciar a promoção do voluntariado institucionalizada mundialmente através de resoluções, documentações, planos de ação angariadas pelos programas da *Organização das Nações Unidas (ONU) – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)* e *Programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV)* – que têm a intenção de centralizar o entendimento sobre a prática do voluntariado, traçando um objetivo mais geral - o de promover o *bem-estar* - que, em linhas gerais, implica em formar povos *resilientes* em nome da *segurança* da vida humana, para a garantia de um planeta possível para as gerações futuras, e por ele tornar viável a participação de todos no *desenvolvimento sustentável*.

Com o desdobramento do voluntariado em distintas modalidades complementares, o mesmo pode ser encarado com um dos elementos tanto do funcionamento tecnologias de poder como de novas formas que assumem a governamentalidade, pois, entendendo-o como um dispositivo de inclusão na sociedade de controle, que tem a ecologia como saber articulador, está diretamente ligado a criação de uma nova subjetividade relacionada à grande missão de salvação do planeta para as gerações futuras, gerando novas condutas através da participação de cada um, onde a “natureza” assume um papel preponderante como reguladora das relações de poder/saber estabelecidas tanto no nível “macro” quanto no “micro”, ou seja, ela perpassa pessoas, Estado, comunidades, empresas e etc. Assim, no âmbito da ecopolítica e seus dispositivos de atuação, o voluntariado assume um papel fundamental, seja para reformular ou criar novos padrões e ações políticas, econômicas e sociais.

Como na pesquisa houve, também, a preocupação em evidenciar a articulação do voluntariado e a promoção de direitos com o foco no Brasil, também buscou-se alguns programas implementados por diferentes governos que pudessem demonstrar a mudança de concepção política sobre o voluntariado.

Foram levantadas, ainda, notícias com foco nos rumos que o voluntariado e suas diretrizes vêm tomando no país, com o intuito de compreender como se dá, na prática, a valorização do trabalho coletivo voltado, principalmente, a minorias e grupos considerados vulneráveis e gestão compartilhada do próprio voluntariado do governo dos direitos de minorias exercido por elas próprias. Levando em conta que, isto gera negócios, entendidos também como estilo de vida, certificações responsáveis de empresas e ONGs, Estados e organizações internacionais, e ascensão de gestores e empreendedores de seus próprios direitos.

### **Documentações: diretrizes do voluntariado.**

Desde que foi instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), através do Programa de Voluntariado das Nações Unidas (UNV), o *Ano Internacional do Voluntariado* em 2001<sup>4</sup> e até o ano de 2011, quando foram comemorados os 10 anos com o *AIV+10*<sup>5</sup>, buscou-se definir diretrizes para o voluntariado por meio de documentações (resoluções, planos de ação, conferências e etc.), tais como Res.63/153. *Follow-up to the implementation of the International Year of Volunteers*<sup>6</sup>, Res. 66/67. *Tenth anniversary of the International Year of Volunteers*<sup>7</sup>, *IYV+10 – Global Plan of Action*<sup>8</sup>, “Informe sobre el estado del voluntariado en el mundo. Valores universales para alcanzar el bienestar mundial”<sup>9</sup> e “Distintos estilos de vida. Voluntarios del mundo - Celebración del décimo aniversario del Año Internacional de los Voluntarios: Compendio conmemorativo”<sup>10</sup>, documentos já contemplados no relatório parcial dessa pesquisa.

---

<sup>4</sup> Sendo que essa decisão foi resultada da Resolução A/Res/52/17 *International Year of Volunteers, 2001* de 1997 com o intuito de dar maior importância para voluntariado. Disponível em <[http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2001/A\\_RES\\_52-17\\_eng.pdf](http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2001/A_RES_52-17_eng.pdf)>

<sup>5</sup> Disponível em <<http://www.iyvplus10.org>>

<sup>6</sup> Disponível em <[http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2009/UNV\\_resources/GA\\_RES\\_IYV\\_10.pdf](http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2009/UNV_resources/GA_RES_IYV_10.pdf)>

<sup>7</sup> Disponível em <[http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/photodb/IYV\\_10/Resources/Res66.67\\_2011.pdf](http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/photodb/IYV_10/Resources/Res66.67_2011.pdf)>

<sup>8</sup> Disponível em <[http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/final\\_global\\_pan.pdf](http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/final_global_pan.pdf)>

<sup>9</sup> Disponível em <[http://www.undp.org/content/undp/es/home/librarypage/capacity-building/Volunteerism\\_Report\\_2011/](http://www.undp.org/content/undp/es/home/librarypage/capacity-building/Volunteerism_Report_2011/)>

<sup>10</sup> Disponível em <[http://www.iyvplus10.org/content/dam/unv/PDFs/IYV10Compendium\\_Es2.pdf](http://www.iyvplus10.org/content/dam/unv/PDFs/IYV10Compendium_Es2.pdf)>

Além desses, também é importante destacar os documentos: *Manual de medição do trabalho voluntário*<sup>11</sup> organizado pela *Organização Internacional dos Trabalhadores*<sup>12</sup> (OIT) e *O Voluntariado e o ativismo social – Caminhos para a participação no desenvolvimento humano*<sup>13</sup> organizado pela CIVICUS<sup>14</sup> (*Aliança Mundial para a Participação Cidadã*) em parceria com a *Associação Internacional de Esforços Voluntários*<sup>15</sup> (International Association for Volunteer Effort – IAVE) e com o *Programa de Voluntários das Nações Unidas*<sup>16</sup> (United Nations Volunteers – UNV).

### ***Manual de Medição do trabalho Voluntário***

A contracapa do documento define exatamente o que é o manual e qual seu objetivo em relação à produção de base e conhecimento para o trabalho voluntário:

*“Este manual presenta una estrategia fiable y rentable para medir el trabajo voluntario. Proporciona una definición del trabajo voluntario, una metodología de medición para identificar a los trabajadores voluntarios y sus características, y una metodología para estimar el valor de su trabajo...El manual aspira a servir como referencia para los estadísticos que midan el trabajo voluntario, así como una guía para investigadores, formuladores de políticas y otros que quieran comprender y utilizar las estadísticas producidas. Este manual desea contribuir a la sensibilización hacia la necesidad de contar con estadísticas del trabajo voluntario, un recurso*

---

<sup>11</sup> Disponível em < [http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms\\_167833.pdf](http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_167833.pdf)>

<sup>12</sup> Disponível em <[www.oit.org](http://www.oit.org)>

<sup>13</sup> Disponível em <<http://www.civicus.org/new/media/VOLUNTEERINGANDSOCIALACTIVISMPORTUGUESE.pdf>>

<sup>14</sup> Disponível em <<https://civicus.org/>>

<sup>15</sup> Disponível <[www.iave.org](http://www.iave.org)>

<sup>16</sup> Disponível em < [www.unv.org](http://www.unv.org)>



*crucial que mejora la calidad de vida en todas partes del mundo.*”<sup>17</sup>

Ele é resultado de pesquisas realizadas por iniciativa da *Organização Internacional do Trabalho* (OIT) através de seu Departamento de Estatística, do *Programa de Voluntários das Nações Unidas* (UNV), do *Centro de Estudos da Sociedade Civil da Universidade John Hopkins*<sup>18</sup> e do *Grupo de Trabalho Conjunto CEPE/Eurostat*<sup>19</sup>. Seu objetivo é o de sistematizar informações, dados e estatísticos do trabalho voluntário para formar uma base de conhecimentos sobre sua aplicação e o valor econômico que a atividade gera. Foram levantados dados sobre o voluntariado no Brasil, Canadá, França, Polônia, Coreia do Sul e África do Sul; sua primeira versão foi apresentada durante a *18ª Conferência Internacional de Estatísticos do Trabalho*<sup>20</sup>, realizada em Genebra, onde foi aprovada por unanimidade.

Levando em conta a recomendação da *Assembleia Geral das Nações Unidas* para que os governos definissem o valor econômico do voluntariado e seu potencial prático, além de que os estudos a respeito do tema eram muito restritos e pouco centralizados, acreditando na suma importância dele enquanto instrumento de resolução dos problemas sociais e

---

<sup>17</sup>“Este manual apresenta uma estratégia confiável e rentável para medir o trabalho voluntário. Proporciona uma definição do trabalho voluntário, uma metodologia de medição para identificar os trabalhadores voluntários e suas características, e uma metodologia para estimar o valor de seu trabalho. O manual pretende servir como referência para os estatísticos que medem o trabalho voluntário, assim como um guia para pesquisadores, formuladores de políticas e outros que queiram compreender e utilizar as estatísticas produzidas. Este manual deseja ajudar a sensibilizar que se faz necessário contar com estatísticas do trabalho voluntário, um recurso crucial que melhora a qualidade de vida em todas as partes do mundo.” (tradução minha).

<sup>18</sup>Johns Hopkins (1795-1873), foi um empresário Quaker americano, que fez sua fortuna investindo em vários empreendimentos, tornando-se um líder capitalista financeiro. Foi presidente de alguns bancos e empresas, como por exemplo o Merchants' Bank, da Baltimore e Ohio Railroad, entre outros. Foi um filantropo, que dava apoio financeiro para orfanatos, bolsas de estudo para jovens de baixa renda e etc. Em vida, tinha projetos de criar uma universidade e um hospital de ensino, que foram concretizados após sua morte. Esses projetos receberam a maior parte de sua fortuna enquanto investimento. Tais instituições configuram, até os dias de hoje, importante papel nos EUA. Disponível em <<http://old.library.jhu.edu/collections/specialcollections/archives/jacob.html>> .

O *Centro de Estudos da Sociedade Civil da Universidade John Hopkins* está inserido no *Instituto Johns Hopkins de Saúde e Política Social* (ex-Instituto Johns Hopkins de Estudos Políticos) e tem como foco “programas de pesquisa e de ensino que visam melhorar a compreensão atual, analisar as tendências emergentes e promover inovações promissoras nos caminhos que governo, sociedade civil e empresas podem colaborar para enfrentar os desafios sociais e ambientais”, tendo dois projetos centrais, o *Center's New Frontiers of Philanthropy Project* que examina os "novos atores e ferramentas que estão surgindo no investimento social e filantropia global, com o objetivo de trazer maior coerência e visibilidade a essa terceira geração emergente de finanças de propósito social" e o *Johns Hopkins Comparative Nonprofit Sector Project*, que desde 1991 "tem mobilizado equipes de pesquisa em uma variedade crescente de países para realizar análises de setores sem fins lucrativos locais, empregando métodos que permitem a comparação com outros países", resultando em procedimentos oficiais para os governos utilizarem na coleta de dados sobre o setor sem fins lucrativos, filantropia e voluntariado. Disponível em <<http://ccss.jhu.edu/the-center/about-the-center>>

<sup>19</sup> Disponível em <<http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page/portal/publications/collections/pocketbooks>>

<sup>20</sup> Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/sipd/quinto\\_forum/Quintoforum\\_SIPD\\_Informe\\_dec\\_oitava\\_CIET.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/sipd/quinto_forum/Quintoforum_SIPD_Informe_dec_oitava_CIET.pdf)>

transformação, elaborou-se tal manual em busca de consolidar números e dados sobre o voluntariado, que permitam comparações e estudos. Assim, o manual está dividido em sete capítulos, mais anexo: *1 Introdução; 2 Fundamento e estratégia para a Medição do Trabalho Voluntário; 3 Definição do trabalho voluntário; 4 Principais Elementos do Módulo Recomendado; 5 Variáveis Objetivos e Classificações; 6 Tava de voluntariado, evolução do trabalho voluntario e outros; 7 Aplicação do módulo de pesquisa e apresentação dos dados; e Anexos.*

Destaca sete motivos para se medir o trabalho voluntário para dar base e fundamentação para a medição, aos critérios tomados para elaboração de um enfoque recomendado para essa medição e para as razões pelas quais as pesquisas sobre a força do trabalho são a melhor ferramenta para tal. Assim, os motivos são:

1) O trabalho voluntário é importante e seu valor econômico é considerável. Segundo dados levantados pelo *Centro de Estudos da Sociedade Civil da Universidade John Hopkins*, existem cerca de 140 milhões de pessoas voluntárias, cerca de 12% da população adulta destes países, número que corresponderia – caso formassem um hipotético novo país – o oitavo país mais populoso do mundo com contribuição de \$400 milhões. Ainda pensando em números, o voluntariado é responsável por 45% da força de trabalho das instituições sem fins lucrativos.

Além das questões econômicas, o voluntariado contribui por gerar capital econômico, social, humano, etc., reforçam a solidariedade, promovem a inclusão e a coesão social, promovem a troca de experiências que aperfeiçoam habilidades humanas, movimentam uma força de trabalho que não poderia ser mobilizada pela empresas e o trabalho remunerado, uma vez que não envolvem aspectos como a concorrência e pressão do mundo do trabalho, experiência de mercado, etc.

2) Crescente reconhecimento do trabalho voluntário por parte de organizações internacionais . Organizações, instituições e atores públicos e políticos como a *Assembleia das Nações Unidas*, a *Cruz Vermelha*<sup>21</sup>, o *Parlamento Europeu*<sup>22</sup>, o *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*<sup>23</sup> (PNUD) já manifestaram seu apoio e incentivo a manutenção e expansão do voluntariado.

3) O trabalho voluntário tem importância especial para a comunidade de estáticas da força de trabalho. O trabalho informal, cujo voluntariado se enquadra, é atividade econômica pouco

---

<sup>21</sup> Disponível em <<http://www.icrc.org/por/index.jsp>>

<sup>22</sup> Disponível em <<http://www.europarl.europa.eu>>

<sup>23</sup> Disponível em <<http://www.pnud.org.br>>

monitorada e estudada pelos estatísticos, embora se reconheça seu potencial econômico e social. O estudo do voluntariado contribuirá para as estatísticas do trabalho. Apesar de ser enquadrado como trabalho, o voluntariado foge do padrão do capital, uma vez que não envolve remuneração, competição de mercado e traz algum tipo de satisfação pessoal, uma vez que as pessoas sentem que fazem a diferença.

4) A falta de estudos sobre o voluntariado não permite compreender seu alcance, magnitude e sua distribuição, que conseqüentemente cria um obstáculo para a criação de conjunto de informações para a efetiva contribuição do trabalho voluntário no âmbito das melhorias concedidas aos beneficiados e aos próprios voluntários.

5) Os dados já levantados sobre o trabalho voluntário não o compreendem por completo. Eles não conseguem explicar, de fato, a contribuição das organizações sem fins lucrativos na produção, sendo que muitas destas instituições dividem suas atividades com o trabalho “comum”.

6) A ausência de dados consolidados e contabilizados naturalmente impede a formulação de políticas, programas e gestões eficientes e duradouras e, conseqüentemente, diminuindo o potencial das ações e resultados do trabalho voluntário.

7) O que os olhos não vem, o coração não sente. Além de dificultar a boa gestão, a falta de embasamento e estudos faz com que o voluntariado tenha suas ações subestimadas e desvalorizadas.

Após os motivos para a medição, são postos os critérios para tal, que, no caso, são cinco critérios chave que definem o foco de análise e reflexão: *a comparação* (dados e informações coletados nos países que podem ser colocados lado-a-lado para comparação); *a viabilidade* (reconhecimento de que fatores culturais, linguísticos, etc. devem ser considerados); *o custo benefício* (deve-se considerar o custo benefício das pesquisas, o quanto se gasta e o quanto o resultado agregará valores) e *a confiabilidade* (ser o mais fiel possível aos moldes e modelos reais do trabalho voluntário pesquisado).

Com isso, acreditam que o melhor foco é criar pesquisas sobre a questão da força do trabalho gerado pelo trabalho voluntário, pois elas permitem o monitoramento de organizações, cobrem a totalidade da população de um país, possuem boa gestão, permitem a captação das informações mais relevantes sobre o trabalho voluntário, tem procedimentos estabelecidos para conferir parcialidade, conferindo confiabilidade ao estudo, etc. Acreditando que as ferramentas alternativas, que seriam pesquisas sociais gerais, pesquisas

sobre a utilização do tempo, etc., apesar de suas vantagens na obtenção de impressões gerais sobre o voluntariado, são custosas, vulneráveis e amostras limitadas.

O Grupo de Trabalho da Comissão Econômica das Nações Unidas para a Normalização do Voluntariado, em 2007, fez recomendações para que sejam normatizadas as pesquisas de medição do voluntariado, incluindo os países que usem essas ferramentas alternativas ao manual. Para tais países, o Grupo de Trabalho pediu para que tais pesquisas busquem cobrir o maior número da população, o acompanhamento de todas as formas de trabalho voluntário, o acompanhamento das variáveis presentes no manual como número de horas dedicadas ao voluntariado, sua profissão, etc. e a capacidade de traduzir as atividades profissionais dos voluntários que possam assegurar um valor econômico à atividade voluntária realizada.

A definição de voluntariado proposto pelo manual é fruto de várias definições feitas por pesquisadores, organizações internacionais e serviços de estatística. Fazendo um apanhado geral das mesmas, o manual coloca o trabalho voluntário se refere a serviços ou atividades realizadas sem remuneração em benefício da comunidade, do meio ambiente e outras pessoas que não sejam familiares que vivam próximos ou no mesmo lugar do voluntário.

Em um trabalho conjunto de especialistas sobre organizações sem fins lucrativos e especialistas técnicos reunidos pela *Organização Internacional do Trabalho* (OIT), o manual define trabalho voluntário como trabalho não remunerado e não obrigado, nomeadamente, sem remuneração pelo tempo dedicado às atividades pela pessoa, seja através de uma organização ou diretamente para outras pessoas que não vivem com o voluntário.

Vale destacar, dentro da definição proposta, alguns termos: a) “se trata de um trabalho”, portanto, é uma atividade que produz bens ou serviços que contribuem e que apresentam valor potencial para os que se beneficiam da atividade; b) “este trabalho não é remunerado”, ou seja, o voluntário não recebe remuneração, pagamento pela atividade em si, entretanto, pode receber alguma compensação pela atividade como transporte ou viagem, alimentação, reconhecimento pelos resultados, criação de rede de contatos, desenvolvimento de competências ou portfólio, etc.; c) “o trabalho não é obrigatório”, ou seja, o compromisso é feito voluntariamente, sem qualquer obrigação legal ou por sofrer pressão ou coerção social de terceiros. Assim, serviços comunitários impostos pelo poder judiciário ou atividades para obtenção de diplomas e certificados para estudantes, por exemplo, não são trabalho voluntário; d) “este trabalho engloba tanto voluntários diretos quanto os vinculados por

qualquer organização ou grupo”, embora sua separação para efeito de gestão, estudo e controle seja fundamental; e) “a definição proposta não inclui trabalho sem remuneração voltados à família do voluntário”, trecho que pode ser controverso, uma vez que a família é entendida de forma heterogênea e varia conforme a cultura e o lugar. Para efeito de definição, o manual propõe que a família seja entendida como o lar, ou seja, qualquer atividade voltada para as pessoas que vivam na mesma casa do voluntário não é categorizado como trabalho voluntário, e f) “a definição não limita o trabalho voluntário a um beneficiário específico”, o que quer dizer que o trabalho voluntário pode ser realizado para beneficiar uma série de organizações e causas, incluindo pessoas, o meio ambiente, os animais, uma comunidade em sentido amplo, etc.

O modelo de pesquisa que o manual propõe gira em torno de diferentes atividades. São coletadas informações junto aos entrevistados que identifiquem as atividades realizadas em um determinado período que correspondam à definição de trabalho voluntário; baseado nestas atividades busca-se entender a frequência, a duração e o tipo de trabalho realizado. Este recorte – sobre a experiência pessoal – torna os dados coletados mais condizentes com a realidade vivida, pois afastam questões sobre as organizações ou os locais onde trabalharam. Assim, as orienta-se que as pesquisas realizadas sejam sobre a força de trabalho que se apóiam em sistemas padronizados de classificação de ocupações e atividades.

Assim, os dados que devem ser considerados na pesquisa para a elaboração de um quadro estatístico básico do trabalho voluntário, cobre cinco variáveis fundamentais pra descrever os resultados do trabalho voluntário: a) o número de voluntários, b) o número de horas de voluntariado, c) o tipo de trabalho realizado, d) o quadro institucional no qual se realizou o trabalho, caso exista e e) o setor de atividade (indústria) no qual se realiza o trabalho voluntário. Estes são os cinco dados básicos para se criar um panorama de alcance econômico do trabalho voluntário.

Conferir valor econômico ao trabalho voluntário se dá duas formas: A primeira calcula quanto o voluntário receberia de remuneração para exercer a mesma função e dedicar o mesmo tempo em um emprego regular. A segunda calcula quanto o beneficiado (seja sociedade, comunidade, grupo, etc.) teria que desembolsar para pagar alguém para fazer o mesmo trabalho que o voluntário realiza sem remuneração.

Dos dois métodos, o Manual considera o segundo método mais adequado com os objetivos traçados, entretanto, devemos considerar que nem sempre uma atividade realizada por um voluntário é feita da mesma maneira que um remunerado: os trabalhadores, sejam

voluntários ou empregados, possuem competências, habilidades e experiências distintas. Considerando tanta subjetividade, o manual orienta que a estimativa do valor econômico do trabalho deve considerar o salário real do mercado para a profissão.

As principais características da ferramenta de coleta de dados que podem influenciar a precisão dos dados colhidos são a abrangência da pesquisa, o calendário e frequência, formas de administração, a aplicação do modelo de pesquisa, etc. Assim para algumas soluções são apontadas para resolver tais questões:

a) Abrangência - dentro de uma população existem grupos marginalizados (moradores de áreas de difícil acesso ou sem domicílio fixo) ou impossibilitados de realizar as atividades voluntárias (doentes em hospital, presidiários, batalhões militares, etc.). Assim mesmo, estes grupos também serão excluídos do modelo de pesquisa sobre o trabalho voluntário, portanto, basta que se considerem todas as outras pessoas, desde que estejam acima da idade mínima;

b) Calendário e frequência - O voluntariado é influenciado pelo período que a pesquisa é realizada. Muitas ações voluntárias são sazonais ou pontuais, pois são motivadas por datas (festas religiosas, comemorações de dias especiais, feriados, etc.), por acontecimentos (desastres ambientais, inundações, campanhas políticas, etc.). Para se resolver isso, recomenda-se que a pesquisa ocorra por períodos de um mês e que se pergunte sobre os eventos mais importantes do ano;

c) Aplicação do modelo de pesquisa - Muitas vezes o contexto local abre questionamentos sobre a eficiência da pesquisa e o quanto ela condiz com a realidade; fatores culturais, sociais, econômicos, linguísticos, etc. podem interferir na participação dos pesquisados e, conseqüentemente, no resultado da pesquisa (e do método recomendado pelo Manual). Possíveis soluções são a tradução para o idioma local com a substituição de alguns termos se necessários, alterações na idade mínima, caso, por exemplo, a idade mínima para a entrada no mercado de trabalho seja diferente da recomendada, recorrer às classificações nacionais sobre as ocupações profissionais e indústria que diverjam dos padrões de classificação internacionais, deve-se ter sensibilidade para adaptar e/ou retirar e/ou acrescentar questões que levem às respostas relevantes para os objetivos da pesquisa.

Outro ponto ressaltado no Manual é a importância da formação adequada dos responsáveis pela entrevista. É necessária uma formação específica para todos os envolvidos no trabalho da pesquisa, sendo destacadas como questões-chave: os elementos que definem o que é trabalho voluntário, o âmbito do trabalho voluntário que os pesquisadores podem exercer em seu país, a diferença entre remuneração e reembolso de gastos, os tipos de obrigações que impedem que uma forma de trabalho não remunerado seja considerada

trabalho voluntário, aspectos socioculturais que podem de alguma maneira influenciar as taxas de respostas. As equipes devem também se familiarizar com a realidade local para evitar constrangimentos, equívocos ou respostas inapropriadas.

Por fim, apresentar os instrumentos base que conduziram a formação da pesquisa como: questionários, tabelas com informações de dados a serem abordados pelos entrevistadores, descrição de códigos de Organizações que instituem as classificações profissionais das indústrias e de organizações sem fins lucrativos – estes utilizados para a classificação do trabalho voluntário, cruzamento dos mesmos, referências bibliográficas.

### ***O Voluntariado e o ativismo social – Caminhos para a participação no desenvolvimento humano.***

Tal documento salienta o potencial transformador do voluntariado e do ativismo social, pontuando a necessidade da expansão de tais atividades e apoio de todas as partes (governo, empresas privadas e públicas, sociedade civil):

*“Juntos, o voluntariado e o ativismo social podem contribuir para diminuir a alienação e a impotência entre indivíduos de diversas culturas e contextos socioeconômicos. Neste processo, fortalecem a coesão social dentro de comunidades locais, nacionais e mundiais. Por meio de inúmeras atividades, o voluntariado e o ativismo social também podem aprimorar os esforços governamentais em resposta a situações de crise humanitária e privações socioeconômicas, respondendo às necessidades básicas dos indivíduos e combatendo as causas subjacentes da pobreza e da desigualdade.” (p.23)*

Trata-se de um documento oriundo da parceria entre a CIVICUS (*Aliança Mundial para a Participação Cidadã*)<sup>24</sup>, a Associação Internacional de Esforços Voluntários (*International Association for Volunteer Effort – IAVE*)<sup>25</sup> e o Programa de Voluntários das

---

<sup>24</sup> Organização fundada em 1993 por iniciativa de um grupo de líderes da sociedade civil de todo o mundo, sediada na África do Sul, que incentiva “a criação, o crescimento e a proteção de ações cidadãs em todo o mundo, especialmente em áreas onde a democracia participativa e a liberdade de associação dos cidadãos estejam ameaçadas”. Disponível em <<http://civicus.org/about-us-125/brief-history>>

<sup>25</sup>“A Associação Internacional de Esforços Voluntários (IAVE) foi fundada em 1970 por um grupo de voluntários de todo o mundo que viam no voluntariado um meio de fazer as conexões entre os países e culturas.

*Nações Unidas (United Nations Volunteers – UNV)*. Seu objetivo é afirmar tanto o voluntariado quanto o ativismo social como ferramentas essenciais para a promoção da participação das pessoas que desejam somar no processo de transformação e desenvolvimento. Estabelecendo uma relação de ambos o alcance dos *Objetivos de Desenvolvimento do Milênio*<sup>26</sup> (ODM), traz que o voluntariado incentiva o primeiro passo para a participação das pessoas e o ativismo social cria lideranças e que os dois em ação complementar têm o potencial de garantir a participação efetiva das pessoas que buscam o desenvolvimento humano. Ao participarem do voluntariado ou do ativismo social, ou de ambos, as pessoas podem adquirir segurança, habilidade e conhecimentos necessários para promover mudanças em seu mundo. Este artigo sugere que o voluntariado e o ativismo social têm o potencial de contribuir para promover o grau e a diversidade de participação necessários para enfrentar as principais tensões e desafios atuais para o desenvolvimento.

Em 2006 foi promovida uma pesquisa pelos grupos supracitados e envolveu mais de 100 organizações em 54 países. O estudo mostra que o voluntariado é diverso e causa interpretações distintas dependendo dos contextos e circunstâncias locais, todavia destaca, também, que as ações promovidas contribuem para a transformação de realidades e a inclusão de indivíduos que vivem em situação de risco, bem como o alcance de metas e objetivos traçados em todos os níveis (local, regional, nacional e global). O documento em questão, a partir do estudo encomendado em 2006, faz quatro questões:

- 1) Qual é o entendimento que se tem do voluntariado e do ativismo social?
- 2) Como o voluntariado e o ativismo social promovem a participação das pessoas?
- 3) Qual é a relação entre a participação e o desenvolvimento?
- 4) O que é necessário para ampliar e sustentar a participação?

---

Ela cresceu em uma rede global de voluntários, organizações voluntárias, representantes nacionais e centros de voluntários, com membros em mais de 70 países, e em todas as regiões do mundo. A maioria dos membros IAVE vem de países em desenvolvimento. IAVE é registrada como uma instituição de caridade nos EUA, na Califórnia, com o Estatuto Social, que estabelece os princípios e procedimentos que regem. IAVE tem status consultivo especial com o Comitê ECOSOC da ONU, e do Estado associado com o Departamento de Informação Pública da ONU. É um membro da Confederação de ONG da ONU, e tem uma forte relação de trabalho com os voluntários da ONU, apoiada por um *Memorando de Entendimento*, no qual se destaca “(...) existe para promover, fortalecer e celebrar o desenvolvimento do voluntariado em todo o mundo. É a única organização internacional em que este é o objetivo principal.”. Disponível em < <http://iave.org/content/about-iave>>

<sup>26</sup> [Redução da Pobreza](#); [Atingir o ensino básico universal](#); [Igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres](#); [Reduzir a mortalidade na infância](#); [Melhorar a saúde materna](#); [Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças](#); [Garantir a sustentabilidade ambiental](#); [Estabelecer uma Parceria Mundial para o Desenvolvimento](#). Disponível em <<http://www.pnud.org.br/ODM.aspx>>



Para começar a traçar as respostas para tais questões divide o voluntariado em quatro categorias - 1. Ajuda mútua ou auto-ajuda; 2. Filantropia ou servindo aos outros; 3. Participação cívica; e 4. *Advocacy*<sup>27</sup> ou realização de campanhas.

Com isso, o voluntariado engloba um grande grupo de ações, possuindo elementos de ativismo social. Diz-se que por este viés, são complementares, mas que quando o voluntariado e ativismo também são entendidos como esferas separadas, o voluntariado aparece como não passando de uma ação paliativa, uma vez que remedia a ferida sem curá-la completamente: o voluntariado resolve o imediato, mas afasta a participação política efetiva e projetos de transformação estrutural para problemas como a desigualdade, a pobreza, etc. O ativismo, da mesma forma, sendo muitas vezes visto como elitista e associados à desordem pública e violência. O documento questiona esta polarização, ao afirmar que existem elementos das duas esferas: o voluntariado promove ações relativamente imediatistas, entretanto a dimensão de suas ações dialoga com os problemas estruturais, à medida que estes problemas são evidenciados. Coloca como exemplo ilustrativo o grupo chileno *Un Techo para Chile*<sup>28</sup> que, até o ano 2000, construiu 2000 casas básicas em regiões pobres do país. A ação dos voluntários continuou, expandiu-se e chamou a atenção do governo e da mídia internacional sobre a falta de moradia no país. Antecipando o aniversário de 200 anos do Chile, o governo estabeleceu um plano que buscava o fim das favelas até 2010.

Destaca três características comuns ao voluntariado e ativismo social:

1. A promoção de oportunidades de participação de pessoas em contextos e com motivações diferentes.
2. Tanto o voluntariado quanto o ativismo social trazem resultados claros e almejam transformações. Há uma análise que coloca o ativismo social como instrumento proposital de mudança social e o voluntariado como transformador parcial, ou seja, como uma prática que não atinge as raízes, que não afeta o *status quo*. Entretanto, existem argumentos contrários a essa visão: o primeiro é que ambos são movidos por uma causa, por um desejo de mudança efetiva e definitiva de uma determinada realidade. A prova disso é o constante engajamento de organizações e voluntários em audiências com gestores públicos e líderes políticos em pautas como violência de gênero, inclusão social, direitos de minorias marginalizadas, ou a criação de comitês e associações, a participação em manifestações. Outro aspecto transformador é a mudança pessoal do voluntário em relação às visões pré-concebidas de

---

<sup>27</sup> Defender suas próprias causas junto aos gestores e instituições públicas.

<sup>28</sup> Disponível em <<http://www.techo.org/>>

determinados assuntos e sua capacidade de influenciar terceiros, assim, tanto o ativismo quanto o voluntariado possuem caráter significativo e transformador.

3. Ambos podem ser ferramentas de desenvolvimento traçados dentro dos *Objetivos de Desenvolvimento do Milênio* (ODM). Já que, tanto o voluntariado quanto o ativismo social não agem, em sua essência, para dar uma “esmola” e sim para questionar a situação em si, estando, assim, preocupados com os direitos das populações.

Na afirmação de que uma realidade mais justa e equitativa exige, basicamente, participação da sociedade civil, pois somente através desta participação se constrói uma relação de “confiança e transparência entre os cidadãos e o estado” (p.9) e são garantidas “a inclusão social e a construção da coesão social dentro de comunidades” (p.9), o estudo aponta que o ativismo social e o voluntariado, em conjunto, são mecanismos fundamentais para incentivar e garantir a participação da sociedade de quatro formas:

1. O voluntariado pode ajudar as pessoas a darem o primeiro passo rumo ao envolvimento duradouro no desenvolvimento. O voluntário que inicia suas atividades pode desenvolver uma consciência sobre a realidade social mais ampla e sinta a necessidade de colaborar de forma mais duradoura. A iniciativa de querer ajudar nos processos é o primeiro passo para formar cidadãos mais cidadãos, mais atuantes, comprometidos com a resolução dos problemas: o voluntário que iniciou suas práticas em atividades pontuais, ganha elementos de ativista social, ou seja, o voluntariado facilita o engajamento, a coesão e a inclusão social.

2. O ativismo social pode proporcionar liderança, definir áreas de atuação e mobilizar os indivíduos de maneira mais organizada, coesa e preparada para encarar as dificuldades (políticas, econômicas e sociais) que se apresentem contrárias às transformações.

3. O voluntariado faz com que o ativismo social permaneça relevante para comunidades locais, permitindo, através de sua prática, o alinhamento entre as necessidades da comunidade e as causas do ativismo social, o que lhe garante durabilidade, relevância e legitimidade. A ligação entre voluntariado e ativismo social é, portanto, fundamental, pois é ela que mantém o elo entre as reais necessidades e a dinâmica social do grupo e os ideais dos ativistas. Um exemplo prático é a *Pro-Hope Internacional*<sup>29</sup>, organização da Gâmbia que busca fortalecer pensamentos e práticas sobre a segurança alimentar. A ativista da organização, também envolvida com questões de combate à violência de gênero e saúde reprodutiva no país. Identificando a realidade e as necessidades do país, a ativista incentivou a criação de uma horta com controle das mulheres. Tal ação voluntária mobilizou ações nos dois eixos centrais

---

<sup>29</sup>Disponível em <<http://www.prohope.org/>>.

de problemas a serem combatidos: Segurança alimentar com a horta e combate à violência de gênero, uma vez que em segundo plano a ação voluntária concedeu autonomia às mulheres.

4. O ativismo social depende de voluntários. Basicamente, o ativismo social é fundamental para o combate dos diversos problemas por fornecer lideranças, mobilizar pessoas e por, ao mesmo tempo refletir e criar estratégias de ação sobre os contextos onde atuam, entretanto, a ação só surtirá efeito com o trabalho de outras pessoas, à medida que estas garantirão a propagação e simpatia das causas defendidas. Assim, o ativismo social depende do trabalho voluntário para ganhar forma e força na dinâmica social em que atua: há uma relação de dependência e complementaridade.

Embora reconheça a relação de dependência e complementaridade entre voluntariado e ativismo social, o documento aponta que vários fatores podem atrasar ou dificultar o trabalho: obrigações religiosas, demandas familiares, sociais e culturais sobre mulheres, visões estereotipadas de pessoas com deficiências e de outros grupos. Assim, o estudo afirma que assim como se criam espaços e oportunidades para trabalhos sérios e efetivamente transformadores, também se abrem espaços cujos objetivos e ações não visam tais transformações e mudanças positivas.

Assim, essa participação se configura em seis formas diferentes de ações que voluntariado pode desenvolver, incluindo aspectos do ativismo social e como estas podem ajudar a atingir os ODM:

1. Promovendo a inclusão social - os estudos de base realizados comprovam que o voluntariado não é o estereótipo que muitos aceitam: os mais favorecidos ajudando os menos favorecidos, o voluntariado de assistencialismo social. A atividade é tão diversa e heterogênea que, em muitos casos, o voluntariado é praticado entre pessoas social e economicamente marginalizadas. O estudo demonstra também que tal característica contribui para o processo transformador das realidades destes grupos marginais na medida em que desenvolvem habilidades que os levam a defender suas causas junto aos gestores e instituições públicas (*advocacy*), ou seja, há um processo de inclusão social.

2. Promovendo a transformação pessoal - mudança de comportamentos, hábitos e práticas dependem de uma (difícil) transformação individual. A conscientização, através do voluntariado, torna as pessoas mais responsáveis e integradas com o processo de resolução ou, pelo menos, contenção dos problemas (fome, saúde, violência, higiene, equidade de gênero, etc.). O trabalho voluntário, ao promover o contato e troca de diversas realidades e

concepções, permite tal mudança pessoal que, em longo prazo, chega às comunidades e grupos.

3. Acumulando conhecimento para o desenvolvimento - o trabalho voluntário funciona quase como uma pesquisa de campo. A atividade permite colher informações sobre a realidade social, sua dinâmica e conjunto de relações, que, em conjunto, poderão ser compiladas e transformadas em programas que busquem transformações de tais realidades.

4. *Advocacy*, campanhas e conscientização - o contato do voluntário com pessoas em situação de dificuldade criam um ambiente de desconforto. Embora ajam em ações já determinadas, muitos voluntários vêem a necessidade de participar de ações de transformação política e social positivas, através de marchas, reuniões e assembleias com atores políticos, gestores públicos, empresas privadas e a sociedade civil com o objetivo de pressioná-los em direção das mudanças.

5. Contribuindo para o empoderamento - o empoderamento nada mais é que conceder autonomia. No caso, o trabalho voluntário concede em muitas de suas ações autonomia psicológica e social para grupos minoritários ou marginalizados (geralmente juventude, povos indígenas, pessoas vivendo com HIV/AIDS e pessoas com necessidades especiais e mulheres) que se beneficiam das ações e, ao mesmo tempo, também para os voluntários graças às experiências e insights que adquirem. Isso se dá porque o trabalho voluntariado desenvolve habilidades que muitas pessoas não tinham oportunidade de descobri-las ou não acreditavam serem capazes de desenvolvê-las: O estudo de base demonstra que há exemplos abundantes de como o desenvolvimento de habilidades tem permitido que as pessoas melhorem suas próprias vidas e as vidas de outras pessoas e também demonstra como os voluntários desempenham um papel crítico no compartilhamento de habilidades e na implementação de programas de desenvolvimento voltados para o empoderamento.

6. Ampliando a participação cívica - a participação cívica é fundamental para uma relação transparente e honesta entre as instituições e a vida prática da sociedade. Tal sentimento de pertencimento do indivíduo, o sentir-se cidadão, a ideia de colaborar em um projeto com fins públicos e comunitários garante coesão e identificação do indivíduo com a sociedade e é decisiva para a redução da pobreza e da desigualdade.

Destaca, ainda, o que denomina por fatores críticos do voluntariado que precisam ser trabalhados para que os voluntários abandonem as ações imediatistas e se comprometam com causas e ações duradouras e/ou com mais ações.

Segundo os estudos de base realizados na elaboração do documento, a criação de uma infra-estrutura é ponto central para que as pessoas se comprometam com as ações sociais, ou seja, os grupos que buscam promover o trabalho voluntário devem se preocupar em oferecer flexibilidade e diversidade para que os indivíduos se sintam envolvidos com as ações, desta forma, as pessoas devem encontrar condições de participar de diversas maneiras, conforme seus interesses, capacidades e disponibilidade de tempo. A boa gestão dos programas de voluntariado “é importante para garantir que as pessoas se envolvam se sintam valorizadas por sua contribuição e estejam integradas nas organizações – estes são todos os fatores que fazem com que os voluntários mantenham sua participação a longo prazo. Além da longevidade, integração e valorização das atividades, cabe a boa gestão garantir algum grau de conscientização ao voluntário. A reflexão sobre a atividade e por quais motivos existe determinado problema, o voluntário é capaz de fazer uma leitura macro da teia social, considerando fatores socioeconômicos, políticos, etc., sendo, assim, capaz de conectar a realidade com suas atividades e buscará se envolver com maior intensidade com os processos de transformação:

*“Por meio de oportunidades como essas, voluntários desenvolvem uma consciência maior a respeito do impacto de políticas nacionais e dinâmicas globais sobre condições locais e passam a poder fazer uma ligação entre suas ações individuais, questões e causas maiores. Tornar as pessoas mais cientes da importância de sua contribuição para o desenvolvimento e para o tecido social de modo geral, ajuda a sustentar seu compromisso de participar durante os vários ciclos de suas vidas.” (p.20)*

Além disso, o documento enfatiza o valor do voluntariado e do ativismo social como agentes transformadores. O fato das pessoas doarem seu tempo para o coletivo possui um grande significado na lógica capitalista neoliberal em que vivemos, desta forma, seu reconhecimento é fundamental para o envolvimento das pessoas. Fortalecendo, assim, cada vez mais a institucionalização do voluntariado como peça fixa da engrenagem de combate à pobreza e desigualdade. Busca-se definir que todas as esferas sociais (governos, legislações, igrejas, empresas, sociedade civil, etc.) devem garantir condições que incentivem e

reconheçam o voluntariado, pois, “Tanto o voluntariado quanto o ativismo social têm um valor intrínseco para a sociedade civil, além de um valor instrumental por ajudar a avançar com objetivos locais, nacionais e globais de desenvolvimento”. (PP.21-22).

Aponta-se que de acordo com o Relatório do ano 2007 sobre os *Objetivos do Desenvolvimento do Milênio* houve melhorias quanto ao número de pessoas que vivem na pobreza, diminuição da mortalidade infantil, maior número de crianças na escola, maior integração das mulheres no mundo político, etc. A participação das pessoas – graças à abertura concedida pela sociedade civil, governos e instituições internacionais – foi determinante para tal êxito, mas se reconhece que ainda falta muito atingir as metas propostas até 2015 nas ODM.

Esta documentação mostrou-se emblemática do movimento em curso de institucionalização do voluntariado no planeta, buscando sedimentá-lo e disseminá-lo sob novos parâmetros enquanto prática universal, assim, há a intenção padronizar as ações de acordo com as diretrizes propostas nesses documentos. Destaca-se na leitura dos documentos o investimento político em firmar o voluntariado como prática de responsabilidade e inclusão vinculada ao que se denomina capital social, exigida ao *desenvolvimento sustentável*.

Entendendo o *desenvolvimento sustentável* como a busca por uma nova etapa do capitalismo, funcionando como,

“(…) uma proposição dimensionada no interior da racionalidade neoliberal por meio de programas e déficits elaborados em comissões, comitês, organizações internacionais. Não se trata mais de intervir em saúde e educação para estabelecer novos patamares de cultura política, mas de produzir conexões nesse sentido.” (PASSETTI, 2013, p. 90).

No sentido em que carrega em si a questão da, “*sustentabilidade* que requer mais da *civilização*” que “exige de cada um que seu potencial seja implementado como projeta a economia política, com conservação ambiental e aceitação que o capitalismo é ao mesmo tempo realidade e utopia” encontrando “sua formulação mais adequada com a noção de *desenvolvimento sustentável* na medida em que todos são convocados a conservar o planeta diante dos efeitos devastadores do antigo progresso industrial, mas também da conduta presente de cada um, gerando uma *governamentalidade planetária*.” (PASSETTI, 2013, pp.

93-94).

A definição de capital social adotada no “*Informe sobre o estado do voluntariado no mundo. Valores universais para alcançar o bem-estar mundial*”, situa-se como uma “rede de conexões” que consiste no “conjunto de recursos sociais, incluindo redes, relações sociais e associações de membros baseadas na confiança, compreensão mútua e valores compartilhados nos quais as pessoas se utilizam quando há uma necessidade de cooperação.” (UNV, ONU, 2011, p. 47), onde o voluntariado se apresenta enquanto “suporte” principal à participação e formação dessas redes. Assim, enquanto prática de responsabilidade e de inclusão, vinculada ao capital social, o voluntariado aparece correspondendo ao *desenvolvimento sustentável* na medida em que ele possibilita a participação de cada um e de todos na “missão” de salvar o planeta para as gerações futuras.

Tal movimento caminha para a promoção do voluntariado institucionalizada mundialmente, onde ele aparece enquanto dispositivo de poder para o controle e governamentalidades da e para a inclusão, entendido no contexto de emergência da *ecopolítica*, que na sociedade de controle, “abundam direitos de minorias, composições de maiorias, Estados, união de Estados, tribunais nacionais e internacionais, em função de deveres, do julgamento e da saúde do planeta.” (PASSETTI, 2011. p. 59). Mais uma vez reitera-se que suas derivações incidem na valorização do trabalho coletivo voltado, principalmente, a minorias e grupos considerados vulneráveis e em uma gestão compartilhada do próprio voluntariado do governo dos direitos de minorias exercido por elas próprias. Isto gera negócios, entendidos também como estilo de vida, certificações responsáveis de empresas e ONGs, Estados e organizações internacionais, e ascensão de gestores e empreendedores de seus próprios direitos.

### **Modalidades do voluntariado**

À primeira vista, pode haver a impressão de que toda ação voltada para terceiros, em situações que variam de contexto, em que não haja pagamento para tal, constituam o voluntariado, já que as definições apontadas nas documentações analisadas estão de comum acordo quanto ao voluntariado ser caracterizado por três critérios - 1. Livre arbítrio, 2. Motivação sem fins lucrativos e 3. Benefício a terceiros. No entanto, no momento em que ele aparece definido enquanto trabalho, há uma mudança expressiva nesta primeira leitura, pois aqui haverá a tentativa de afastá-lo da simples “boa-ação” e da generalização, onde será

preciso saber o quanto que ele é rentável em cada um de seus desdobramentos e para cada lugar em que são desenvolvidos, também implicando na necessidade de compreensão de suas dinâmicas para que possam ser desenvolvidas maneiras de especialização e de fomento, já que o que se busca com isso são ações voluntárias permanentes e não apenas ações voluntárias isoladas. Assim, a pesquisa mostrou que o voluntariado vem se desdobrando em distintas modalidades complementares – voluntariado, voluntariado empresarial, voluntariado online, voluntariado internacional e etc. Aparentemente, aparece como um “mercado de trabalho” que se tenta organizar/medir. Suas diretrizes estão compreendidas a partir dos agentes capazes de exercer as ações voluntárias (pessoas, ONGs, empresas e etc.), no qual elas vêm para organizar a heterogeneidade de tais ações, além de reforçar, conforme a documentação estudada, a importância dos governos no papel realizar medições contínuas para incentivar o voluntariado, já que ele é tão importante enquanto parte quanto formador do chamado capital social. Esse foco no voluntariado exercido por pessoas, ONGs, empresas e etc., aparece para definir todas as possibilidades de inclusão que através dele possam ser criadas, fazendo que os voluntários ascendam enquanto gestores e empreendedores de seus próprios direitos.

A primeira separação que aparece sempre é a de divisão de dois eixos principais de ações voluntárias – o *Voluntariado direto*, que é a ação voluntária feita direto para terceiros, ou seja, sem vínculo com nenhuma instituição; e a *Através de uma organização*, que é a ação voluntária vinculada a algum tipo de instituição (ONGs, empresas e etc.). Já o voluntariado, enquanto trabalho a ser organizado aparece em alguns desdobramentos classificatórios mais específicos:

- *Voluntariado online* são ações voluntárias desenvolvidas através da internet, abrangendo principalmente atividades operacionais e gerenciais, tais como captação de recursos, apoio tecnológico, comunicação, marketing e consultoria. Ele é tipicamente de curto prazo e pode ser desenvolvido por qualquer um que tenha acesso à internet.
- *Micro voluntariado*, assim como o voluntariado online, está ligado à tecnologia da informação, ele é configurado, principalmente, pelo compartilhamento de informações através de sites de redes sociais. Também é categorizada nessa modalidade, a troca de informação via celulares em caso de prevenção e situação de conflito, de desastres naturais, saúde e etc.
- *Voluntariado internacional* é configurado pelas ações voluntárias desenvolvidas fora do país de origem dos voluntários. Ele inclui tanto as



tarefas de curto, quanto as de longo prazo, através de agências governamentais ou não-governamentais. O *volunturismo* é o termo que designa voluntariado internacional de curto prazo. Visando o desenvolvimento internacional, significa que, as ações são principalmente de voluntários de países desenvolvidos em países em desenvolvimento.

- *Voluntariado de diáspora*, pode ser relacionado ao voluntariado internacional, é configurado por pessoas vivendo fora dos seus países de origem, expressando o desejo da diáspora de ajudar comunidades em suas terras natais, muitas vezes eles são incentivados por corporações, empresas, governos e etc.
- *Voluntariado empresarial* se desenvolve enquanto forma de ação da “Responsabilidade Social Empresarial”<sup>30</sup>, ele pode se configurar de maneiras diversas, variando desde encorajar voluntários individuais, em pequenas equipes, até como parte de programas estruturados, muitas vezes em parceria com ONGs.

Tais definições se articulam com o principal alvo que tal voluntariado pretende atingir, as chamadas minorias, os vulneráveis, que podem ser pessoas, comunidades, regiões e etc., crianças e jovens, que pode ser compreendido com o apontado por Foucault em *O nascimento da biopolítica* (2008) sobre o entendimento do indivíduo como capital humano e o empreendedorismo de si cunhado pelo neoliberalismo americano, onde o indivíduo aparece como gestor de si e de seus escassos recursos capitalizáveis, no entanto, agora no contexto da emergência da *sociedade de controle*, que também pode ser entendida como “sociedade dos empregos”, o voluntariado responde às “condutas irrepreensíveis”, já que nela,

*“é preciso dar fim ao que possa trazer desassossego; pacificar minorias radicais com direitos, integrações e políticas afirmativas; levar a cada um a aprender e a cultivar o controle de si (governo do comedimento) e cuidar dos outros (combate dos desgovernos) para melhor viver na sociedade e dedicar a alma e consciência ao bom pastor; reconhecer e necessitar de religião e auto-ajuda para a saúde e produtividade,*

---

<sup>30</sup> “Significa que as empresas privadas têm, além da obrigação de gerar um retorno justo para os investidores, responsabilidades morais, éticas e filantrópicas (...) implica na melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores e de suas famílias, bem como da comunidade local e da sociedade em geral”. (UNV, ONU, 2011. p. 59).

*colaborando para renovar democraticamente as instituições, inclusive as instituições austeras.*” (PASSETTI. 2007, p. 32)

O objetivo traçado para o voluntario que aparece nas documentações é o de atingir a *bem-estar*, definido, pela *Comissão de Stiglitz*<sup>31</sup> como, “um senso de pertencer às nossas comunidades, uma atitude positiva perante os outros, um sentimento de que estamos contribuindo para a sociedade e se engajando em um comportamento pró-social, e uma crença de que a sociedade é capaz de se desenvolver positivamente” (ONU, UNV. 2011, p. 96) e a *cidadania ativa*, possível através dele. Para tal, destaca-se a capacidade do voluntariado em construir *resiliência e coesão social*.

A *coesão social* é definida como, “(...) uma variável-chave para entender o modo como as pessoas reagem ao risco de conflitos violentos, sua resposta quando eles ocorrem, e suas ações perante as consequências do conflito. Quanto mais forte a coesão social, mais provável é a formação redes de conexões e interações sociais.” (ONU, UNV. 2011, p. 105), e está compreendida na problematização feita em relação ao investimento político no voluntariado como prática de responsabilidade e inclusão vinculada ao que se denomina capital social, exigida ao *desenvolvimento sustentável*. A *resiliência*, também pode ser compreendida nesse movimento, no entanto, tem implicações mais específicas.

O voluntariado enquanto redutor de vulnerabilidade através da sua capacidade de construir *resiliência* está presente em diversas documentações abordadas nessa pesquisa<sup>32</sup>. Em *Política e resiliência – apaziguamentos distendidos*, Salete Oliveira evidencia que,

*“Está-se diante hoje da propalação política da resiliência e seus efeitos distendidos dos apaziguamentos de confrontos como conceito, como prática, como gestos muito ordinários, mínimos mesmo, neste nivelamento, neste*

---

<sup>31</sup> Comissão, criada em 2008, presidida pelo professor Joseph E. Stiglitz, da Universidade Columbia, e tendo o professor Amartya-Sen, da Universidade de Harvard, como conselheiro presidente, sobre a medição do desempenho econômico e do progresso social. Disponível em <<http://www.stiglitz-sen-fitoussi.fr/en/index.htm>>

<sup>32</sup> Tal capacidade do voluntariado é ressaltada inúmeras vezes no “*Informe sobre o estado do voluntariado no mundo. Valores universais para alcançar o bem-estar mundial*”. É a questão principal tratada pelo “*Marco de Ação de Hyogo 2005-2015 - construir a resiliência das nações e comunidades aos desastres*”, definido na *Conferência Mundial de Redução de Desastres* em 2005. A questão também está presente no livro produzido pela Vale, “*Voluntariado Corporativo na Experiência Brasileira*”. (tais documentos estão, respectivamente, disponíveis em <[http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/informe\\_onu\\_sobre\\_voluntariado\\_no\\_mundo\\_2011.pdf](http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/informe_onu_sobre_voluntariado_no_mundo_2011.pdf)>; <<http://www.cbve.org.br/?p=2115>>; <[http://www.integracao.gov.br/cidadesresilientes/pdf/mah\\_ptb\\_brochura.pdf](http://www.integracao.gov.br/cidadesresilientes/pdf/mah_ptb_brochura.pdf)>).

*revestimento de mil vestes que encontram seu nome justo e justificado na proliferação de direitos em camadas justapostas de uma concha protetora, conservadora.” (2013, p. 107)*

Diante da incidência durante a pesquisa do voluntariado como fomentador de resiliência, é possível destaca-lo como um empreendimento em,

*“variados espaços, no resílio otimizador de capacidades que buscam encontrar sua adequação adaptativa na resiliência, superando, contornando as denominadas vulnerabilidades. O resílio empreendedor “de gente”, transmutando os ranços do desempenho, da competência em performance eficiente. Em sua atividade incessante de restaurações diante de degradações como forma de governo de restauração do vivo.”(OLIVEIRA. 2013, p.107)*

Podendo assim, ser mais uma vez, evidenciado enquanto dispositivo de poder atravessando novos arranjos da governamentalidade neoliberal, já que aqui ele pode ser entendido como apaziguador e como o que contém resistências.

Nesse sentido, há também que se compreender que o voluntariado é aclamado pela *segurança*, chave que pode ser problematizada por Sven Opitz sobre o conceito de *securitização* no neoliberalismo, onde,

*“As atuais conclamações por segurança revelam simultaneamente descentralização, delimitação e multiplicação de estratégias de segurança entre jogadores sub-nacionais, nacionais e supranacionais. Em nome da segurança políticas se espalham rizomaticamente, utilizam novas tecnologias e, assim, dispersam sua dinâmica.” (OPITZ. 2012, p. 9)*

O investimento no voluntariado é valorizado como uma política que deve ser adotada em nome da resiliência em contextos de tragédias, violência, situações de risco, vulnerabilidades, vindo de encontro, também, à questão apontada por Opitz ao situar situações

de combate atual ao terrorismo, “Em nome da segurança, indivíduos se prontificam a abandonar suas posições de meros espectadores passivos para tornarem-se parte de uma comunidade vigilante e pró-ativa na coleta de informações, capaz de tomar medidas contra ameaças em potencial.” (OPITZ. 2012, p. 12); que no caso do voluntariado, pode ser articulada em nome de múltiplas seguranças apoiadas em conceitos como ambiental, social, humana e etc.

A problematização da relação entre segurança e sucuritização realizada por Thiago Rodrigues em *Segurança planetária, entre o climático e o humano*, destaca-se que,

*“a identificação de problemas globais, como a defesa dos direitos humanos e a degradação ambiental, produzem novos conceitos de segurança que, ao identificar problemas setoriais (segurança ambiental/climática; segurança humana; segurança energética, segurança econômica, segurança societal, etc.) acabam por produzir um continuum de securitizações voltado simultaneamente à proteção do indivíduo e do planeta, dos fluxos de informação e dos de capital, da contenção de conflitos e sua gestão”* (Rodrigues, 2012, p.32)

Além disso, o voluntariado encontra repercussões, também, na base da promoção de seguranças que abandonam o caráter coercitivo e adotam um caráter, “(...) *preventivo, associado a organizações da sociedade civil (ONGs locais e transterritoriais) para produzir novos arranjos e táticas de governo das pessoas, dos fluxos produtivos e do planeta (a biosfera, os oceanos, o entorno sideral).*” (RODRIGUES. 2012, p. 33).

## **Notícias**

Com o intuito de adensar a análise feita sobre o voluntariado, atentando para suas conexões articuladas à proliferação de direitos, buscou-se destacar notícias vinculando o voluntariado em relação às ditas minorias, às denominadas vulnerabilidades, principalmente nas ações que focam crianças e jovens, além das que destacam as chamadas certificações.

Foi dada prioridade à coleta de dados centralizados pela *Rede Brasil Voluntário*<sup>33</sup>, pelo *Instituto C&A*<sup>34</sup> e pelo *Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial*<sup>35</sup>, instituições de apoio da pesquisa, além dos sites do *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*<sup>36</sup> (PNUD) e do *Programa de Voluntários das Nações Unidas*<sup>37</sup> (UNV); as notícias estão apresentadas por temática e de forma resumida.

Foram selecionadas 37 notícias ao todo: 15 dos sites do UNV e do PNUD que foram organizadas por ano, de 2000 a 2013; 22 duas dos sites do *Instituto C&A* e do *CBVE* que foram organizadas em três temáticas – *ações voltadas para crianças e jovens*, que corresponde a 12 notícias, *temáticas ambientais e de sustentabilidade*, correspondendo a 4 notícias e *prêmios e certificações*, 6 notícias, sendo que tais notícias são dos anos de 2012/2013.

### ***Notícias selecionadas do site do Programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV) (2000-2013)***<sup>38</sup>

As notícias selecionadas no site da UNV foram selecionadas a partir do filtro disponível em que é possível selecionar países e territórios. Então a preferência foi dada para as notícias em que se destacam a atuação da UNV e seus voluntários no Brasil.

#### **2000**

*Giving a Child a Chance* (26 May 2000)<sup>39</sup> – O que é referente ao Brasil nessa notícia é a atuação dos voluntários com crianças de rua, dando treinamentos de artesanato, ensino de línguas e outras atividades que possibilitassem a capacitação para a inserção dos mesmos no mercado de trabalho. A ênfase é dada à atuação dos voluntários em diversos países na reinserção, principalmente, de crianças de rua, prostitutas, dependentes químicos e etc. à sociedade.

#### **2001**

<sup>33</sup> Disponível em <<http://www.redebrasilvoluntario.org.br/>>

<sup>34</sup> Disponível em <[www.institutocea.org.br](http://www.institutocea.org.br/)>

<sup>35</sup> Disponível em <[www.cbve.org.br](http://www.cbve.org.br/)>

<sup>36</sup> Disponível em <[www.pnud.org.br](http://www.pnud.org.br/)>

<sup>37</sup> Disponível em <[www.unv.org](http://www.unv.org/)>

<sup>38</sup> Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/category/docs/page/2.html>>

<sup>39</sup> Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/doc/giving-a-child-a.html>>

*Urbanization: Volunteers assist in weekly 'million-person march' (07 May 2001)*<sup>40</sup> – a notícia é referente ao seminário “Marcha de um milhão” que problematizou a questão do crescimento demográfico e a urbanização nas cidades de todo o mundo, destacando a atuação de voluntários para nas favelas e em vilarejos onde os problemas advindos desse crescimento são mais latentes.

*Entrepreneurship and volunteerism: The Brazilian effort to promote & sustain civil society (21 June 2001), by Marcos Kisil.*<sup>41</sup> – um artigo que trata do Terceiro Setor no Brasil e sua importância enquanto atuação da sociedade civil, trazendo que essa temática está ligada ao empreendedorismo enquanto elemento indispensável para o capitalismo e para o desenvolvimento, ou seja, o quanto isso é importante para o desenvolvimento do Brasil.

*UN Volunteers introduce new health care schemes in Brazil (01 August 2001)*<sup>42</sup> – notícia referente à atuação dos voluntários da UNV na questão da saúde no Brasil, principalmente em regiões afastadas dos grandes centros urbanos tais como na Amazônia, em Mato Grosso e Pará, com foco principal nas populações ribeirinhas.

## 2002

*UNDP, UNV to redistribute IT equipment for development (30 September 2002)*<sup>43</sup> – notícia referente a um projeto do PNUD no Brasil, liderado e coordenado por voluntários da UNV, para doação de computadores para escolas, ONGs ou outras instituições carentes, com o intuito de promover o desenvolvimento através da comunicação.

## 2003

*UNV Brazil, Embassy of Norway to strengthen rural black communities (25 February 2003)*<sup>44</sup> – notícia referente à parceria da UNV, do governo da Noruega e do Brasil, com o intuito de fortalecer e melhorar as redes entre as comunidades negras rurais, onde dois voluntários da

---

<sup>40</sup> Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/doc/urbanization-volunteers-assist-in.html>>

<sup>41</sup> Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/doc/entrepreneurship-and-volunteerism-the.html>>

<sup>42</sup> Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/doc/un-volunteers-introduce-new.html>>

<sup>43</sup> Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/doc/undp-unv-to-redistribute.html>>

<sup>44</sup> Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/doc/learning-for-the-millennium.html>>

ONU, em parceria com o Movimento Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, têm o intuito de promover políticas para defender os direitos da respectiva população, criar condições para defender o direito de propriedade da terra, conforme determinado pela Constituição e busca de formas para melhorar as condições de vida nas comunidades.

## **2004**

*Learning for the Millennium - UNV brings MDGs into Brazil's schools (09 August 2004)*<sup>45</sup> – notícia referente à iniciativa apoiada pelo UNV, PNUD, UNESCO e Faça Parte, na qual o Instituto de Voluntários do Brasil, distribuiu kits com informações dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) nas escolas do Brasil.

## **2007**

*Bullet casings as artwork: Helping Brazil's favelas (21 May 2007)*<sup>46</sup>, by Anika Gärtner – relato de uma voluntária da UNV sobre programa de melhoria de assentamentos precários em favelas do Rio de Janeiro.

## **2008**

*Feeding nutritional knowledge in Brazil 28 (October 2008)*<sup>47</sup> – notícia referente ao programa da UNV, em parceria ONG local Conexão - Serviço de Integração Social, o e financiado pela CBSS - Administradora dos CARTOES Visa Vale, sobre nutrição em escolas e comunidades carentes, com o objetivo de agregar conhecimento como ação para alcançar o ODM 1 (Redução da Pobreza).

## **2009**

*A host of events in Brazil (01 January 2009)*<sup>48</sup> – notícia referente à criação da *Semana Brasil Voluntário*, que entrou em vigor a partir de dezembro de 2009, resultante da parceria ente a UNV e cinco centros de voluntariado dos estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, na qual se busca fomentar o voluntariado no

---

<sup>45</sup>Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/doc/learning-for-the-millennium.html>>

<sup>46</sup> Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/doc/bullet-casings-as-artwork.html>>

<sup>47</sup> Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/doc/feeding-nutritional-knowledge-in.html>>

<sup>48</sup>Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/doc/a-host-of-events.html>>

país durante uma semana inteira, com uma série de eventos, criando redes online com o intuito de pessoas interessadas e voluntários atualizado.

*Campaigning for recognition in Brazil (05 June 2009)*<sup>49</sup>- notícia referente à campanha angariada pela UNV, na qual “seu voluntário nacional”, trabalha em um projeto de criação de um portal para aumentar o conhecimento do Dia Mundial do Meio Ambiente no Brasil.

## 2011

*IT essentials for development (22 August 2011)*<sup>50</sup>, by Vanessa Celano Tarantini – artigo sobre a reunião entre ONGs parceiras e voluntário UNV com o intuito de desenvolver um programa para melhorar práticas no ensino básicos de tecnologias de informação para jovens carentes em São Paulo.

## 2012

*[PRESS RELEASE] Rio+20 delegation visits initiative helping rebuild community through volunteering (21 June 2012)*<sup>51</sup> – Notícia referente à questão do voluntariado na pacificação das favelas do Rio de Janeiro, onde por ocasião do Rio+20 representantes da UNV foram visitar a favela do Canta Galo para apreciar o trabalho dos voluntários na melhoria da comunidade.

### ***Notícias selecionadas do site do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) Brasil***<sup>52</sup>.

No site do PNUD as notícias sobre o voluntariado foram selecionadas a partir da ferramenta de busca em que o site filtra as notícias por palavras. É importante ressaltar que as notícias que contam no portal da UNV também são contempladas no site do PNUD, confirmando na pesquisa uma vinculação direta entre eles.

---

<sup>49</sup>Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/doc/campaigning-for-recognition-in.html>>

<sup>50</sup>Disponível em <<http://www.unv.org/en/what-we-do/countries-and-territories/brazil/doc/it-essentials-for-development.html>>

<sup>51</sup>Disponível em <[http://www.unv.org/fileadmin/docdb/pdf/2012/Rio\\_20\\_community-visit\\_press\\_release\\_final.pdf](http://www.unv.org/fileadmin/docdb/pdf/2012/Rio_20_community-visit_press_release_final.pdf)>

<sup>52</sup>Disponível em <<http://www.pnud.org.br>>



## 2011

*Brasil sem Pobreza apresenta plano de ação - Movimento que reúne entidades da sociedade civil prepara estratégia para ajudar o país a erradicar a miséria (28 Julho 2011)*<sup>53</sup> – Movimento Brasil sem Pobreza, iniciativa liderada pela ONG União Planetária, mais 28 organizações fomentam um programa de erradicação da pobreza, no qual o plano de ação prevê a “capacitação profissional dos cidadãos; ações específicas voltadas para grupos vulneráveis, como jovens, populações de rua, apenados, dependentes químicos, adultos não alfabetizados e crianças abandonadas; a formação de parcerias públicas e privadas e o fortalecimento de entidades que trabalham pela cidadania; e o estímulo ao voluntariado e à constituição de ecovilas”.

## 2012

*Brasil estuda criação de um sistema nacional de voluntariado - Proposta será discutida esta semana em seminário no Rio de Janeiro; no encontro, serão debatidas as bases para o desenvolvimento do sistema e elementos para sua estruturação (19 Março 2012)*<sup>54</sup> – a notícia relata a criação do sistema nacional do voluntariado com o intuito de aumentar a eficácia da prática para o desenvolvimento, levando em conta o *Relatório sobre o Estado do Voluntariado no Mundo*, sistematizado anteriormente no relatório parcial.

### ***Notícias selecionadas a partir dos sites do Instituto C&A e do CBVE.***

As notícias a seguir foram selecionadas a partir dos filtros de notícias dos sites do *Instituto C&A* e do *CBVE*, no entanto, alguns links de notícias remetem a outros sites.

#### Ações voltadas, principalmente, a crianças e jovens

A Vale promoveu entre 11/10/2012 e 12/10/2012 a comemoração ao Dia das Crianças no Rio de Janeiro, Espírito Santo, Pará e Minas Gerais com várias atividades recreativas, doações de brinquedos, roupas, etc.<sup>55</sup>

<sup>53</sup> Disponível em <<http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=2552>>

<sup>54</sup> Disponível em <<http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=2638>>

<sup>55</sup> Disponível em <<http://www.cbve.org.br/?p=2020>>

O Instituto C&A apoiou a “Semana Mundial do Brincar”, iniciativa da rede Aliança. O evento ocorreu entre 20 e 27 de maio desse mês, no Parque das Bicicletas, São Paulo e em mais 20 países. A semana busca valorizar o ato de brincar como elemento essencial para formação, expressão e desenvolvimento do ser humano. A “Semana Mundial do Brincar” teve uma programação de brincadeiras, palestras e debates com a participação de pais, educadores, médicos, comunicadores, instituições privadas e representantes de instituições governamentais.<sup>56</sup>

Em 26/08/2012 o grupo Camargo Corrêa realizou a quarta edição do Dia do Bem-Fazer. Com 14 mil voluntários, 200 ações e parceria com 768 empresas e entidades governamentais e não-governamentais e investimento de R\$800 mil. Entre as ações, a empresa planejou reformas em escolas, asilos, creches, quadras esportivas, atividades com crianças e idosos, oferecimento de serviços como orientação jurídica, palestras sobre saúde, emissão de certidões, doação de alimentos e materiais, oficinas de teatro, dança, pintura, música, brincadeiras ao ar livre, atividades de recreação com crianças com deficiência auditiva, etc. As atividades ocorriam em diversos lugares do país o grupo possui sedes.<sup>57</sup>

Em 15/06/2013, oitenta voluntários do Instituto C&A promoveram em Barueri um bazar beneficente. A iniciativa faz parte do projeto Bazar, que comercializa a preços populares roupas e acessórios doados pela C&A. Os recursos arrecadados por meio da atividade compõem um fundo de investimento para financiar projetos sociais voltados à educação de crianças e adolescentes na região de Barueri.<sup>58</sup>

A Vale promoveu a edição do Vale Dia Feliz em 25/08/2012, ação que contou com 53 voluntários e levou 450 crianças de Tubarão, Santa Catarina, ao cinema e atividades no Parque Botânico Vale.<sup>59</sup>

O RIOVOLUNTÁRIO, em parceria com a Fundação Cesgranrio, possui o Programa Brasileirinho, que desenvolve ações voltadas à crianças de até quatro anos matriculadas em creches comunitárias localizadas em comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro. O projeto

---

<sup>56</sup> Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/noticias/Detalhe-noticia.aspx?id=2192>>

<sup>57</sup> Disponível em <<http://www.cbve.org.br/?p=1665>>

<sup>58</sup> Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/noticias/Detalhe-noticia.aspx?id=2223>>

<sup>59</sup> Disponível em <<http://www.cbve.org.br/?p=2007>>

oferece reestruturação física das dependências das creches, de gestão, formação pedagógica de educadores, assistência psicológica às famílias das crianças, sendo tal acompanhamento realizado por cinco anos.<sup>60</sup> Recentemente, foi realizada em 27 de março a entrega de ovos de páscoa as creches Alegria das Crianças, Dois Irmãos e Pingo de Gente, na Rocinha; Cantagalo, no Cantagalo; Chapeuzinho Marrom, no Turano; Sossego da Mamãe e Tia Anastácia, em Santa Cruz.<sup>61</sup>

A Fundação Itaú Cultural possui a Coleção Itaú de Livros Infantis. Buscando a inclusão de crianças com deficiência visual, o grupo oferece duas mil coleções de literatura infantil em braile. O projeto estima atender cerca de duas mil pessoas com deficiência visual.<sup>62</sup>

A Vale comandou uma ação que arrecadou 1.616 títulos de livros, entre temas infantis e temáticas variadas no Pará. Desse total, 635 serão destinados ao projeto nos “Trilhos do Desenvolvimento” – nos municípios de Açailândia, Alto Alegre do Pindaré, Bom Jesus das Selvas, Buriticupu e Santa Rita – e o restante será doado a instituições de São Luís.<sup>63</sup>

O Instituto C&A participou entre os dias 11 e 14 de junho deste ano do 15º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens. A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) é uma organização sem fins lucrativos, fundada há 45 anos, que tem como missão promover a leitura e divulgar o livro de qualidade para crianças e jovens. O Instituto apóia o evento e participa em diversas frentes, como seminários e palestras, onde buscam consolidar dados das experiências de seis anos das ações do programa “Prazer em Ler” – oriundo do próprio instituto – e promover a leitura de maneira geral.<sup>64</sup>

A Vale promoveu a ação “Xadrez na Escola”, que teve início em 22 de setembro em Parauapebas. As aulas de xadrez foram desenvolvidas para estimular o raciocínio lógico de crianças com rendimento escolar baixo.<sup>65</sup>

---

<sup>60</sup> Disponível em <<http://www.riovoluntario.org.br/?cat=15>>

<sup>61</sup> Disponível em <<http://www.cbve.org.br/?p=2266>>

<sup>62</sup> Disponível em <<http://www.cbve.org.br/?p=2078>>

<sup>63</sup> Disponível em <<http://www.cbve.org.br/?p=2022>>

<sup>64</sup> Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/noticias/Detalhe-noticia.aspx?id=2214>>

<sup>65</sup> Disponível em <<http://www.cbve.org.br/?p=2011>>

O Instituto C&A divulgou o resultado do edital para o Programa Paralapraca, ação do programa Educação Infantil, do Instituto C&A, que visa contribuir para a melhoria da qualidade do atendimento às crianças na educação infantil. O projeto possui dois âmbitos de atuação: a formação continuada de profissionais da educação e o acesso a materiais pedagógicos de qualidade, tanto para as crianças quanto para os professores. O projeto lançado em agosto de 2010 foi iniciado em Campina Grande (PB), Caucaia (CE), Feira de Santana (BA), Jaboatão dos Guararapes (PE) e Teresina (PI). O segundo edital prevê parceria com as Secretarias Municipais de Educação de Camaçari (BA), Maceió (AL), Maracanaú (CE), Natal (RN) e Olinda (PE) por trinta meses que podem ser renovados. A previsão é que 141 unidades de educação infantil, 169 coordenadores, 995 professores e 20.280 crianças sejam beneficiados nos cinco municípios selecionados. <sup>66</sup>

O Instituto C&A participa intensamente da 11ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), a realizar-se entre 3 e 7 de julho de 2013 em Paraty, Rio de Janeiro. A empresa participa com oficinas de desenho e ilustração, painéis e troca de experiências e informações obtidos em projetos do instituto como o “Prazer em Ler”. <sup>67</sup>

#### Ações voltadas para as temáticas ambientais, sustentabilidade, catástrofes naturais e saúde

O Instituto C&A organizou em abril deste ano uma ação voluntária com 29 lojas da empresa do Rio de Janeiro para ajudar vítimas das enchentes da Baixada Fluminense do início do ano. Estima-se que mais de 300 famílias de Xerém, distrito de Duque de Caxias, se beneficiaram do SOS Comunidade, programa de atendimento de situações emergenciais. O grupo realizou duas ações: uma interna, com a arrecadação de doações dos funcionários das lojas C&A do Rio de Janeiro, e uma externa, com a compra de itens de primeira necessidade no valor de R\$ 100 mil, disponibilizados pelo Instituto C&A. <sup>68</sup>

O Instituto C&A formalizou parceria com a ONG catarinense Instituto Comunitário Grande Florianópolis (Icom) em 12 de dezembro de 2012, em Londres. A parceria se deu na ação SOS Comunidade, onde os voluntários fazem a triagem dos itens necessários para a reconstrução das vidas de pessoas acometidas por tragédias ambientais. Em Santa Catarina, o

---

<sup>66</sup> Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/noticias/Detailhe-noticia.aspx?id=2178>>

<sup>67</sup> Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/noticias/Detailhe-noticia.aspx?id=2242>>

<sup>68</sup> Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/noticias/Detailhe-noticia.aspx?id=2163>>

Instituto C&A criou o Fundo Comunitário de Reconstrução, fundo que somou R\$200 mil oriundos de doações de empresas, de institutos e fundações empresariais e de pessoas físicas para a revitalização das famílias que foram afetadas pelas chuvas em Santa Catarina entre novembro de 2008 e janeiro de 2009. A apresentação da parceria na conferência destacou que o fundo desempenhou um papel estratégico para coordenar os esforços para a proteção de crianças e jovens vítimas do desastre natural em Santa Catarina, bem como para apoiar o trabalho de centenas de voluntários.<sup>69</sup>

A Gerda, em parceria com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Charqueadas, promoveu a ação “Um dia sem sacola plástica”. Foram distribuídas ecobags, por voluntários, buscando incentivar alternativas sustentáveis de consumo.<sup>70</sup>

O Grupo Fleury promove o Projeto Dom, que busca capacitar ONGs que atuem na área de saúde ou algum tipo de atuação no setor. O projeto, que já apresentou resultados em São Paulo, busca, na segunda edição, a capacitação de 12 organizações no Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Porto Alegre, Curitiba e São Paulo, tendo como temas centrais a excelência no atendimento, ferramentas de gestão e sustentabilidade em saúde.<sup>71</sup>

### Prêmios e Certificações

Além de campanhas e ações ações, as empresas também investem em prêmios e certificações. A Fundação Itaú Cultural e a Rádio Bandeirantes organizam o Prêmio Escola Voluntária, onde são reconhecidas instituições que apresentam projetos para o voluntariado educativo e prêmios em dinheiro são dados às instituições de ensino com os melhores projetos.<sup>72</sup>

O Instituto C&A recebeu um certificado de honra ao mérito, concedido pelo Conselho Regional de Biblioteconomia do Rio Grande do Sul e pelo Fórum Gaúcho pela Melhoria das Bibliotecas Escolares e Públicas (FGMBEP), por suas contribuições junto ao Conselho mencionado; Os grupos conquistaram o Plano Municipal do Livro e Leitura (PMLL) – Porto

---

<sup>69</sup> Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/noticias/Detalhe-noticia.aspx?id=2078>>

<sup>70</sup> Disponível em <<http://www.cbve.org.br/?p=2515>>

<sup>71</sup> Disponível em <<http://www.cbve.org.br/?p=2450>>

<sup>72</sup> Disponível em <<http://www.cbve.org.br/?p=2506>>

Alegre foi a primeira capital do país a aprovar tal documento – grande ferramenta para a promoção da leitura.<sup>73</sup>

A Itaipu Binacional criou o programa Força Voluntária e venceu o Prêmio Sesi Qualidade no Trabalho na categoria Desenvolvimento Socioambiental. O prêmio existe há mais de quinze anos e reconhece as melhores práticas das empresas em seis categorias: cultura organizacional, gestão de pessoas, inovação, educação e desenvolvimento, ambiente de trabalho seguro e saudável e desenvolvimento socioambiental.<sup>74</sup>

O Instituto C&A ganhou o prêmio “Empresa Amiga da Criança 15 anos”. O prêmio é concedido pela ONG Fundação Abrinq – Save the Children, que o concede a empresas que se engajam na defesa dos direitos da criança e do adolescente.<sup>75</sup>

A Associação Barraca da Amizade (ABA) recebeu em Brasília, no último dia 15, o Prêmio Neide Castanha, no eixo Protagonismo de Crianças e Adolescentes, por seu programa de enfrentamento à exploração sexual. A ABA é parceira do Instituto C&A no âmbito do programa Desenvolvimento Institucional. Com sede em Fortaleza (CE), a associação atende adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, especificamente aqueles em situação de rua e/ou exploração sexual.<sup>76</sup>

O Colegiado Setorial de Literatura, Livro e Leitura do Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC), órgão vinculado ao Ministério da Cultura, concedeu, em dezembro de 2012, uma cadeira para Márcia Cavalcante, representante dos pólos de leitura do Instituto C&A de Porto Alegre. O Colegiado Setorial de Literatura, Livro e Leitura do CNPC debate, acompanha e fornece subsídios para a definição de políticas, diretrizes e estratégias relacionadas ao setor. A instância participativa é composta por 15 membros representantes regionais da cadeia criativa, produtiva e mediadora do livro no país.<sup>77</sup>

Nas notícias selecionadas é possível observar a prática do voluntariado institucionalizado em diferentes formas de suas modalidades complementares, nas quais são integradas as

---

<sup>73</sup> Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/noticias/Detailhe-noticia.aspx?id=2120>>

<sup>74</sup> Disponível em <<http://www.cbve.org.br/?p=1796>>

<sup>75</sup> Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/noticias/Detailhe-noticia.aspx?id=2243>>

<sup>76</sup> Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/noticias/Detailhe-noticia.aspx?id=2195>>

<sup>77</sup> Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/noticias/Detailhe-noticia.aspx?id=2086>>

diferentes esferas da sociedade civil organizada, do Estado e de empresas nos diferentes níveis – municipal, regional, estadual, nacional e internacional.

### **Itinérários do voluntariado no Brasil**

É comum encontrar como origem do voluntariado a filantropia difundida por movimentos religiosos. Nos sites das instituições brasileiras analisadas nessa pesquisa e em alguns documentos aparecem as ditas primeiras atuações de voluntários no Brasil com a Igreja católica, como por exemplo, nas Santas Casas, com os Jesuítas e seu papel no processo de colonização e etc. Isso está presente tanto nas produções acadêmicas, quanto nos documentos produzidos por instituições do terceiro setor. Isso pode ser verificado em alguns documentos apresentados no relatório anterior, como por exemplo, no livro produzido pela *Vale, Voluntariado Corporativo na Experiência Brasileira*<sup>78</sup>, que diz que, “Desde o período colonial, voluntários vêm atuando, principalmente em entidades religiosas, como as Santas Casas, movidas por motivações confessionais ou assistenciais” (VALE. 2011, p. 16). Assim, como, “O voluntariado no Brasil teve seu início no século XVII, com instituições de assistência a pessoas carentes e oriundas por fins filantrópicos. Devido a nossa origem, o voluntariado sempre teve seu conceito ligado a ações religiosas ou questões relacionadas à área da saúde.” (SILVEIRA. 2008, p. 158).

Dito isto, é possível destacar três programas de voluntariado no Brasil desde 1942 até 95, que ajuda a demonstrar os diferentes entendimentos sobre o que é voluntariado em contextos diferentes da história do Brasil, podendo então, ter um panorama de como o voluntariado tornou-se um elemento importante na política neoliberal de hoje. Os programas *Legião Brasileira Voluntária (LBA)* de 1942, *Programa Nacional do Voluntariado (Pronav/LBA)* de 1979 e *Comunidade Solidária* de 1995, são analisados por Jairo Melo Araujo em, “Voluntariado. Na contramão dos direitos sociais”.

A *Legião Brasileira de Assistência* criada em 1942 pelo governo de Getúlio Vargas, tinha o intuito de “promover o amparo social daqueles brasileiros em extrema pobreza” (ARAUJO. 2008, p. 184), com atuação principalmente nos meios urbanos, era uma instituição pública que se articulava com entidades privadas (indústria e comércio), onde os “mais providos (voluntários).”(ARAUJO. 2008, p.199) eram convocados para fazerem bem ao próximo. Aqui o autor traz um importante elemento de o que era considerado voluntariado na

---

<sup>78</sup> Disponível em: <<http://www.cbve.org.br/?p=2115>>

época, ou seja, ele era de caráter assistencialista e constituído por “classes sociais melhores providas”, que o Araujo caracteriza “voluntarismo”.

Esse programa encontrava inserido dentro de um contexto, segundo Silveira, de expressiva mudança para o “voluntarismo”, onde

*“A intervenção do Estado nas instituições filantrópicas assistenciais e de benemerência, a partir do século XX, através do poder público, muda o quadro do voluntarismo. O estado de Bem-estar Social, implantado a partir da década de 30, visando atender a população pobre com políticas de assistência social (políticas públicas), pregava a solução dos problemas sociais. A adoção dessa política preteriu as iniciativas voluntárias ou associativas, contribuindo para o individualismo.”* (SILVEIRA. 2002, p. 159)

O Programa Nacional do Voluntariado (Pronav/LBA) de 1979, que durou até 1995, passou por diversos contextos políticos do país, de ditadura ao processo democrático, mesmo assim continuou sendo um programa implementado pelo governo, que tinha o intuito de promover “(...) a articulação em nível da comunidade, tanto das organizações, quanto dos próprios assistidos” (ARAÚJO. 2008, p. 209), voltava-se para a população às margens dos benefícios previdenciários, promovendo ações para o treinamento dessas pessoas com o intuito de inseri-las no mercado de trabalho, além de que “(...) prestava assistência social também aos portadores de necessidades especiais, aos velhos, à maternidade e à infância, bem como realizava cadastro de entidades assistenciais e promovia serviços através de convênios” (ARAÚJO. 2008, p.159) , tudo isso em suas sedes ou nas comunidades, e tinha como foco o combate à marginalização socioeconômica e à miséria. Araujo também diz que esse programa foi constituído pelo que ele caracteriza como “voluntarismo”. Aqui, o que se entendia por voluntariado não muda substancialmente, mas, como o programa abrange uma parcela considerável de tempo e funcionou em diferentes contextos políticos do país, percebe-se, mais claramente que aqui voluntariado era entendido enquanto política de governo que com a, “(...) crise do Estado do Bem-estar na década de 60 ocasionou transformações no comportamento, politizando e polemizando as relações com a sociedade e seus agentes, ficando o movimento voluntario questionado politicamente” (SILVEIRA. 2008, p. 159)



O programa *Comunidade Solidária*, lançado no governo de Fernando Henrique Cardoso em 1995, pelo Decreto Nº 1.366, de Janeiro de 1995<sup>79</sup>, no qual extinguiu-se o *Pronav/LBA*, teve por objetivo “(...) a coordenação de ações governamentais para o atendimento de uma parcela da população desprovida de meios para manter as suas necessidades sociais básicas, principalmente as oriundas da pobreza e da fome, também, aos serviços urbanos, à geração de renda, à geração de emprego e à defesa dos direitos e proteção social.” (ARAUJO. 2008, p.231), ele não era uma instituição governamental de intervenção através do voluntariado, como os programas anteriores, mas sim “(...)a gestão de várias instâncias governamentais em parceria com a sociedade civil” (ARAUJO. 2008, p. 231), pois ele consistia em um conselho com representantes ministrais e da sociedade civil que propõem formas de atuação, parcerias, criação de entidades e ações de acordo com as diretrizes do programa. O programa foi encerrado em 2002, substituído pelo programa “Fome Zero”<sup>80</sup>.

Há um movimento de entendimento do voluntariado enquanto política de governo nos dois primeiros programas, para o desaparecimento do termo enquanto agente principal dos programas, nesse terceiro, vê-se aparecer o termo sociedade civil que, segundo Silveira, aparece nos anos 80, sendo, “A definição de sociedade civil que estava ligada às pessoas que lutavam contra a ditadura, logo, em oposição aos militares, por isso civis, agora está vinculada ao ato de exercer cidadania.”(SILVEIRA. 2002, p. 160). O voluntariado que vem sendo institucionalizado aparece, hoje, como o grande capaz de fazer a *cidadania* ser *ativa*.

Levando em conta essa mudança substancial sobre o voluntariado e a partir do que foi analisado no relatório parcial dessa pesquisa, pôde-se constatar que a noção de voluntariado e as modalidades em que ele se desdobra hoje têm por referência os anos 1990, pois, foi a partir dessa década que começou a busca pela a institucionalização do voluntariado enquanto agente inclusão e responsabilidade para a e melhoria da sociedade, recebendo investimento através de diversas organizações, órgãos do Estado e empresas. É possível verificar tal afirmação nas datas de criação das iniciativas destacadas nesse trabalho, como por exemplo, a fundação do *Instituto C&A* em 1991<sup>81</sup>, a criação da *Rede Brasil Voluntário* e dos *Centros de Voluntariado* em 1997<sup>82</sup>, além da promulgação da Lei Nº 9.608, de fevereiro de 1998<sup>83</sup>.

---

<sup>79</sup> Disponível em:

<<http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/8b6939f8b38f377a03256ca200686171/54b1adeafd789a61032569fa00691f7f?OpenDocument>>

<sup>80</sup> Disponível em <<http://www.fomezero.gov.br>>

<sup>81</sup> Disponível em <<http://www.institutocea.org.br/quem-somos/Default.aspx>>

<sup>82</sup> Disponível em <<http://www.redebrasilvoluntario.org.br/sobre-a-rbv/>>

<sup>83</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/?leis/L9608.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/?leis/L9608.htm)>

Apesar da existência do *Programa de Voluntários da das Nações Unidas* (UNV) desde 1970, a busca por uma institucionalização mundial do voluntariado também está presente nesse processo desenvolvido a partir da década de 1990, pois foi em 1997 com a *Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas A/Res/52/17*<sup>84</sup>, que se proclamou o ano de 2001 como o *Ano Internacional do Voluntariado*, sendo assim um primeiro passo para a institucionalização mundial do voluntariado nos moldes em que vem se desdobrando hoje.

Além disso, tal movimentação nos anos 90, da valorização da *cidadania*, também está presente no aparecimento dos institutos empresariais, como o, por exemplo, *Instituto C&A*, tal qual mostra Acácio Augusto:

*“(...)no Brasil, a partir da década de 1990, ganham espaço os movimentos e articulações dedicados a refletir sobre o papel das empresas no campo social, construindo um novo espaço de incidência no qual passam a ser chamadas a atuar de forma cidadã. Tais movimentos e articulações são identificados mais ao conceito de terceiro setor e distantes dos movimentos sociais e das ONGs. Criadas no final do regime civil-militar, as empresas passaram a atuar com mais ênfase, diretamente ou por meio de seus institutos e fundações, em programas sociais, ambientais e culturais. A noção de empresa cidadã, como responsável pelos seus impactos na sociedade e no meio ambiente, objetiva as externalidades decorrentes da sua atuação econômica.”* (AUGUSTO. 2013, p. 93)

Isso leva a forma de atuação empresarial tomar centralidade no tratamento dos problemas sociais, no sentido em que, “A mesma eficiência do campo empresarial foi empregada, agora para contribuir com a solução dos problemas sociais” (AUGUSTO. 2013, p. 93), tornando-se parâmetro de avaliação das chamadas políticas públicas,

*“Não tardou para essa lógica de avaliação e monitoramento ser incorporada na chamada gestão pública, em especial nas gestões municipais, precisamente por força dessas novas organizações, que passaram a pressionar os governos*

---

<sup>84</sup> Disponível em: <[http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2001/A\\_RES\\_52-17\\_eng.pdf](http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2001/A_RES_52-17_eng.pdf)>

*para adotarem o mesmo princípio de transparência e gestão de resultados” (AUGUSTO. 2013, p.94)*

Percebe-se, então, que no Brasil há um destaque substancial na articulação do voluntariado a partir de institutos empresariais, nas quais o voluntariado aparece como o principal fomentador da articulação da *responsabilidade social* e na *gestão de resultados* das empresas relacionadas a eles. Com tal questão, é possível trazer que o *voluntariado empresarial* é aparece então, com esses institutos, como mais um indicador do *desenvolvimento sustentável*, entendido tal qual colocado na problematização sobre as diretrizes do voluntariado.

### **O voluntariado e a proliferação de direitos: estilos de vida e negócios**

Assim como na breve análise do relatório anterior, nesse buscou-se, principalmente através de notícias e documentações, evidenciar os rumos que têm tomado as práticas de voluntariado, que respondendo a governamentalidade neoliberal, podem ser evidenciadas enquanto dispositivo de poder para o controle e governamentalidades da e para a inclusão. A proliferação de direitos angariada pelo voluntariado responde a um leque de possibilidades de participação e de inclusão, que, articula-se ao *desenvolvimento sustentável* como *capital humano* e *capital social*.

As modalidades, em que o voluntariado se desdobra, aparecem enquanto trabalho, nesse sentido, na busca por organizá-lo, são definidas diretrizes nas quais é possível a sua institucionalização mundial. Nisso, vê-se surgir uma série de ações onde, em nome da continuidade da vida no planeta na qual o voluntariado em suas modalidades aparece como agente fundamental na formação do chamado *capital social*, tão indispensável para o *desenvolvimento sustentável*, tal questão exerce a formação de redes de voluntariado que articula a ação conjunta entre a sociedade civil, do governo e as empresas, que ocorrem em todas as esferas, ou seja, municipal, distrital, estadual, federal e internacional, que também pode ser entendida enquanto gestão compartilhada. Diante da afirmação encontrada na documentação do enquanto prática universal presente em todos os povos, a sua institucionalização através de suas modalidades procura não deixar brechas, correspondendo à lógica da ecopolítica que, “se interessa pela vida do planeta, a saúde ambiental e da pessoa

saudável e produtiva em seu interior” (PASSETTI, 2017, p.12), o voluntariado como forma de ser produtivo, ativo, gestor e empreendedor de seus próprios direitos, na qual a questão do empreendedorismo de si, tão presente no neoliberalismo, tal qual mostra Foucault em *O nascimento da biopolítica*, se redimensiona agora para responder às questões do *desenvolvimento sustentável*.

As modalidades em que o voluntariado se desdobra aparecem enquanto práticas de proliferação de direitos, pois com sua institucionalização mundial por meio legal e com a criação de comitês, redes de compartilhamento de práticas e informações, assume o papel de agente fomentador principal da articulação do *capital social*. Dessa maneira, uma maior importância na promoção da gestão compartilhada de direitos das minorias é acoplada ao voluntariado, já que, nessa formulação, ele é afirmado como o grande agente das mudanças sociais investido da capacidade de promover a, “redução da pobreza, o desenvolvimento sustentável, saúde, capacitação da juventude, a mudança climática, prevenção de desastres e de gestão, a integração social, a ação humanitária, construção da paz e, em particular, a superação exclusão social e discriminação (...)”<sup>85</sup>, que convoca e possibilita a participação de todos, buscando responsabilizar e incluir todos (Passetti, 2013).

O *bem-estar* é um dos elementos presentes na temática do voluntariado nos documentos consultados. Tal questão está em voga na atualidade, onde se deseja utilizar, além de medidores econômicos, medidores de progresso social, que juntos demonstrariam que a “sociedade é capaz de se desenvolver positivamente”, tal como o proposto pela Comissão de Stiglitz. As modalidades, propostas nos documentos, em que o voluntariado se desdobra, mais sua compreensão enquanto trabalho, buscam, como já foi apontado anteriormente neste relatório, levar à possibilidade de medição das ações voluntárias, ou seja, a busca por saber o quanto elas são rentáveis, tal qual aparece no *Manual de medição do trabalho voluntário*, para definir o nível de relevância em relação ao *desenvolvimento sustentável*, podendo, assim, fomentar o voluntariado que leve ao maior *bem-estar*. Isso faz com que os saberes produzidos a partir dos medidores possibilitados pelas modalidades do voluntariado, gerem negócios, entendidos também como estilo de vida, nos quais as empresas e ONGs, Estados e organizações internacionais que elevem seus indicadores em relação ao *bem-estar* sejam certificadas por sua participação ativa no *desenvolvimento sustentável*.

Assim, o voluntariado enquanto formador de *capital social* para o *bem-estar* e o

---

<sup>85</sup> UNITED NATIONS. “A/RES/66/67”. Disponível em [http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/photodb/IYV\\_10/Resources/Res66.67\\_2011.pdf](http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/photodb/IYV_10/Resources/Res66.67_2011.pdf). Acesso em 08/03/2013

*desenvolvimento sustentável*, pode ser encarado com um dos elementos tanto do funcionamento tecnologias de poder como de novas formas que assumem a governamentalidade. Assim, no âmbito da ecopolítica e seus dispositivos de atuação, em especial no fluxo direitos, o voluntariado assume um papel fundamental, parametrado pela racionalidade neoliberal, seja para reformular ou criar novos padrões e ações políticas, econômicas e sociais como produzir formas de conduta, independente da proveniência social, que respondem a negócios como estilos de vida e anulação de resistências.

### III. BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Jairo Melo. *Voluntariado. Na Contramão dos Direitos Sociais*. São Paulo: Cortez, 2008.

AUGUSTO, Acácio. “*Penalizações a céu aberto, uma política planetária*”. In Revista *Ecopolítica*, IV. 2013, pp. 87-104. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13062>>

DELEUZE, Gilles. *Post-Scriptum: sobre as sociedades de controle*. In: Conversações. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2000

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica*. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

OPTIZ, Sven. “*Governo não ilimitado – o dispositivo de segurança da governamentalidade não-liberal*”. Tradução de Talita Vinagre. In Revista *Ecopolítica*, n. 2, p. 3-36.

RODRIGUES, Thiago. “*Segurança planetária, entre o climático e o humano*”, in Revista *Ecopolítica*, n. 3, p. 05-41.

OLIVEIRA, Salete. “*Política e Resiliência – apaziguamentos distendidos*”, in Revista *Ecopolítica*, n.5, p.105-129.

PASSETTI, Edson. *Fluxos libertários e segurança*, In Revista Verve, São Paulo: Nu-Sol, v. 20, 2011, pp. 48-78.

PASSETTI, Edson. *Transformações da biopolítica e emergência da ecopolítica*, In Revista *Ecopolítica* V, 2013, pp. 4-63 Disponível em <

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/15120>>

PASSETTI, Edson. *Poder e Anarquia. Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado*, In Revista Verve, São Paulo: Nu-Sol, v. 12, 2007, pp. 11-43.

PASSETTI, Edson. (2012) *Ecopolítica: governo do planeta para um futuro melhor*. São Paulo: Projeto Temático Ecopolítica – Relatório 2011. Disponível em <http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/ecopolitica.pdf>

SILVEIRA, Jairton Dimas. *Trabalho voluntário: da filantropia à cidadania*, In *Voluntariado e a gestão das políticas sociais*. PEREZ, Clotilde., JUNQUEIRA, Luciano Prates. (Org.). São Paulo: Futura, 2002.

FUNDAÇÃO VALE (2011). *Voluntariado Corporativo na Experiência Brasileira* - Disponível em <<http://www.cbve.org.br/?p=2115>>

OIT. *Manual de Medición del trabajo voluntario*. 2011 Disponível em [http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms\\_167833.pdf](http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_167833.pdf).

ONU (2000) *Objetivo de Desarrollo del Milenio 8*. disponível em [http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/onu\\_informa\\_2011.pdf](http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/onu_informa_2011.pdf)

ONU (2008). *Res.63/153. Follow-up to the implementation of the International Year of Volunteers*. Disponível em [http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2009/UNV\\_resources/GA\\_RES\\_IYV\\_10.pdf](http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2009/UNV_resources/GA_RES_IYV_10.pdf).

ONU (2011). *Res. 66/67. Tenth anniversary of the International Year of Volunteers*, disponível em [http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/photodb/IYV\\_10/Resources/Res66.67\\_2011.pdf](http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/photodb/IYV_10/Resources/Res66.67_2011.pdf).

ONU (1997). *A/Res/52/17 RESOLUTION ADOPTED BY THE GENERAL ASSEMBLY* Disponível em [http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2001/A\\_RES\\_52-17\\_eng.pdf](http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2001/A_RES_52-17_eng.pdf)

UNV (ONU) (2010). *IYV+10 – Global Plan of Action*. Disponível em [http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/final\\_global\\_pan.pdf](http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/final_global_pan.pdf)

UNV (ONU) (2011). *“Distintos estilos de vida. Voluntarios del mundo - Celebración del décimo aniversario del Año Internacional de los Voluntarios: Compendio conmemorativo”*. Disponível em [http://www.iyvplus10.org/content/dam/unv/PDFs/IYV10Compendium\\_Es2.pdf](http://www.iyvplus10.org/content/dam/unv/PDFs/IYV10Compendium_Es2.pdf).

UNV (ONU) (2011).“*Informe sobre el estado del voluntariado en el mundo. Valores universales para alcanzar el bienestar mundial*” .Disponível em [http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/informe\\_onu\\_sobre\\_voluntariado\\_no\\_mundo\\_2011.pdf](http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/informe_onu_sobre_voluntariado_no_mundo_2011.pdf)

BRASIL. Decreto N° 1.366, de Janeiro de 1995. Disponível em <[http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/8b6939f8b38f377a03256ca200686171/54b1adeafd789a61032569fa00691f7f?OpenDocumenthttp://www.planalto.gov/civil\\_03/1995/D136.htm](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/8b6939f8b38f377a03256ca200686171/54b1adeafd789a61032569fa00691f7f?OpenDocumenthttp://www.planalto.gov/civil_03/1995/D136.htm)>

## **SITES**

**Center for Civil Society Studies at the Johns Hopkins Institute for Policy Studies**

<http://ccss.jhu.edu/>

**Comitê Internacional da Cruz Vermelha**

<http://www.icrc.org/por/index.jsp>

**Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial**

<http://www.cbve.org.br>

**European Statistics**

<http://epp.eurostat.ec.europa.eu/>

**European Parliament**

<http://www.europarl.europa.eu>

**Fome Zero**

<http://www.fomezero.gov.br>

**International Association for Volunteer Effort**

<http://www.iave.org>

**Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

<http://www.ibge.gov.br>

**Organização Internacional dos Trabalhadores**

<http://www.oit.org.br>

**Instituto C&A**

<http://www.institutocea.org.br>

**Portal do Voluntariado da UNV**

<http://www.worldvolunteerweb.org>

**Portal 10 anos do Ano Internacional do Voluntariado**

<http://www.iyvplus10.org>

**Programa de Voluntários das Nações Unidas**

<http://www.unv.org>

**Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento**

<http://www.pnud.org.br>

**Project Hope**

<http://www.prohope.org/>

**Riovoluntario**

<http://www.riovoluntario.org.br>



**Techo**

<http://www.techo.org/>

**World Alliance for Citizen Participation**

<https://civicus.org/>